PANORAMA

REVISTA PORTUGUESA DE ARTE E TURISMO

NÚMERO 39 ★ 1949

Leite são e nutritivo

Para conservar e melhorar a saúde, os médicos recomendam beber-se muito leite, porque o leite é o melhor e mais completo alimento tanto para as crianças como para as pessoas adultas. O essencial é escolher um leite isento de impurezas, são e nutritivo, e esta segurança e tranquilidade pode V. Ex.ª conseguir usando o Leite Condensado Açucarado Nestlé que é um leite de superior qualidade rico em creme, com as vitaminas naturais e os sais minerais do melhor leite fresco com que é elaborado.

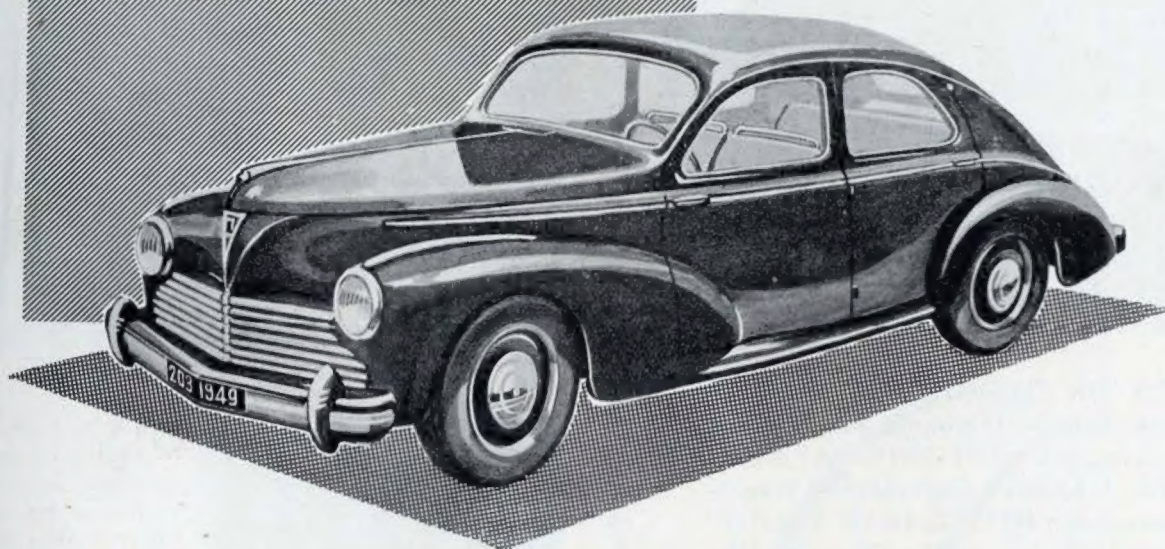
Nos dias calmosos e sempre que se queira matar a sede, prepara-se um delicioso refresco que alimenta e deleita ao mesmo tempo, diluindo uma parte do Leite Condensado Nestlé em 4 partes de água gazosa ou simplesmente em água pura muito fria.

e também

LEITE CONDENSADO

NESTLÉ

o melhor para todos os usos

P1-24A-7

UM AUTOMÓVEL INTEIRAMENTE NOVO

CONDUITE DE 4 LUGARES · 4 PORTAS · AR CONDICIONADO
DESCONGELADOR DE PÁRA-BRISAS · MOTOR DE ALTO RENDIMENTO
CONFORTO E SEGURANÇA · EXTRAORDINÁRIO NA ESTRADA

AGENTES GERAIS PARA O SUL

MOCAR, L.DA

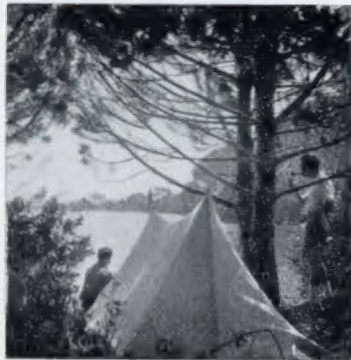
EXPOSIÇÃO E VENDA
AV. ANT. AUG. DE AGUIAR, 19-A
TELEF. 4 4156

LISBOA

SERVIÇO E ACESSÓRIOS
RUA CASTILHO, 235-A

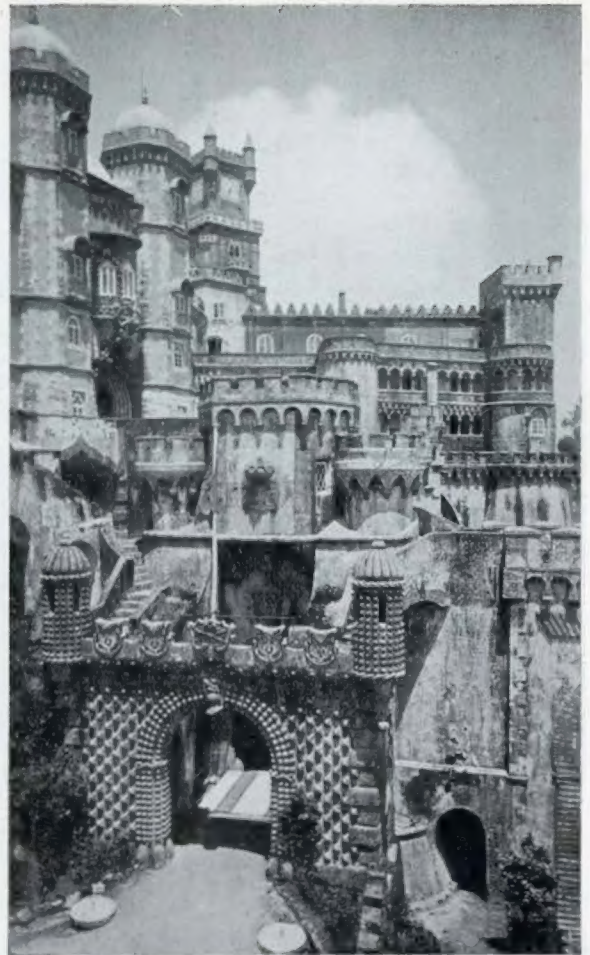
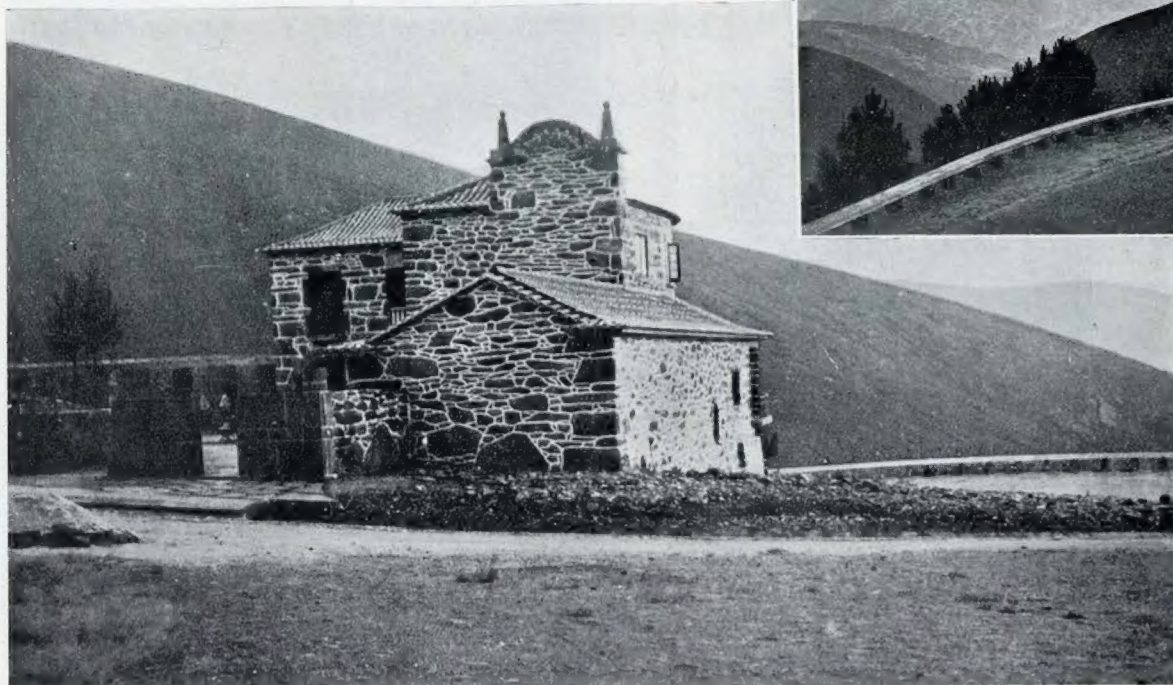
Aqui se aconselha...

que leia, veja e compre

A CASA VIEIRA CAMPOS (antiga Casa Figueiredo), da R. da Prata, 215, não é especializada só em material ligeiro para Campismo. Também já firmou o seu nome na construção de material de acampamentos, fornecendo importantes empresas coloniais e as principais Missões Científicas às Colónias. Tudo para campismo e acampamentos de longa duração, encontra-se em boas condições de preço e qualidade na Casa Vieira Campos, de Lisboa.

NO PAPEL DE CARTA que se utiliza na correspondência, pode-se avaliar muitas vezes o bom gôsto e a distinção de quem escreve. Para não perder tempo a escolher aquêle de que deve servir-se, aqui aconselhamos a preferir o das marcas NAU, NACIONAL e ERNANI, qualquer dêles de óptima qualidade e excelente apresentação. São marcas registadas de MECO, LDA., L. Rafael Bordalo Pinheiro, 20 a 25, em Lisboa e R. das Flores, 14-1.º, no Pôrto.

O ENXUGADOR «TANK», que já provou indiscutivelmente a sua utilidade e facilidade de uso — demonstra-o a enorme venda que tem — é o mais moderno tipo de mata-borrão para secretária. Assim, aqui se aconselha a quem ainda não se serve do ENXUGADOR «TANK» que não deixe de experimentá-lo. E então nunca mais deixará de ter um TANK na sua mesa de trabalho.

É bastante desagradável o efeito que produz uma pele de poros dilatados. E tanto mais, quando já não se justifica que se tenha a pele nesse estado. — O uso dos acreditados produtos ROSIPÓR, da Academia Científica de Beleza, veio definitivamente dar completa satisfação no tratamento da dilatação dos poros, a ponto de modificar profundamente o mau aspecto da epiderme. Então, não esqueça: *Produtos Rosipór para fechar os poros da pele.*

M'CAMPOS

POUSADA DE S. GONÇALO
SERRA DO MARÃO

A Pousada de S. Gonçalo, confortável e hospitaleira, fica entre Amarante e Vila Real, perto do Alto de Espinho. O local é miradouro de largos e lindos horizontes. – Telefones 1004 Candemil e 16 Amarante.

Qual é a resistencia de uma corrente?

A resistencia de uma corrente equivale ao seu elo mais fraco. A eficiencia de uma caneta de aparo esferico depende da sua capacidade de enchimento. Se a carga não fôr 100% eficaz, a caneta não assegurará um serviço regular e constante. Os escritores experientes do mundo inteiro preferem a Biro porque sabem que as garantias quanto à sua capacidade de enchimento a tornam a caneta de aparo esferico melhor do mundo.

A Biro começa a escrever a primeira palavra e continua a escrever até se esgotar a ultima gota de tinta. Compre uma Biro e pode ter a certeza de que ficará bem servido.

E queira notar o seguinte:

As peças sobresalentes da Biro estão à venda em tôda a parte. Para onde quer que fôr, pode contar com os serviços da Biro.

Biro

A MANEIRA MODERNA DE ESCREVER

Distribuidor para Portugal: ANTÓNIO CAMPOS-TRAV. NOVA DE S. DOMINGOS, 9-1º LISBOA

O GÁS COZINHA MELHOR

Aqui se aconselha...

A excelência dos trabalhos gráficos depende sobretudo de: Estilo e estado do material tipográfico; Qualidade e apropriação de papéis; Conhecimento profundo e prático dos serviços de composição e impressão; gôsto e criteriosa conjugação dos vários elementos utilizados pela oficina nos trabalhos que executa. De tudo isto dispõe a OFICINA GRÁFICA, LIMITADA, R. Oliveira, ao Carmo, 8 — Telef. 22 886 — Lisboa

ESTA fotografia é de um bonito azulejo decorativo, da acreditada FÁBRICA DE CERÂMICA VIUVA LAMEGO, LDA., no largo do Intendente, 14 a 25, em Lisboa. Nesta fábrica, que foi fornecedora das Exposições Internacionais de Paris e de Nova York, executa-se enorme variedade de azulejos de padrão artístico (género antigo), louça regional, faianças artísticas, vasos de louça para decoração e ainda louça de barro vermelho, manilhas e outros acessórios.

VAI renovar os interiores da sua casa? Vai decorar uma casa de campo ou de praia? Ou talvez pretenda oferecer um brinde de «bom gosto»! Então sugerimos-lhe que vá apreciar a grande variedade de excelentes FERROS ARTÍSTICOS — candeeiros, mesas, candelabros, cinzeiros, grades, etc. — executados e em exposição na SERRALHARIA ARTÍSTICA DE VICENTE JOAQUIM ESTEVES, na Rua das Amoreiras, 88, em Lisboa.

JUVÉNIA, o melhor restaurador da juventude dos cabelos, é um magnífico preparado cujo uso lhes restitui a primitiva côr, quando já grisalhos ou brancos. É, assim, JUVÉNIA um produto de grande valor e utilidade, que também evita a caspa e a queda do cabelo, ao qual conserva tôda a sua vitalidade. O uso de JUVÉNIA não tem o menor perigo. Não mancha a pele, não suja o cabelo e não acarreta as complicações do emprêgo de tinturas mal preparadas.

que leia, veja e compre

INSTANTA — é a moderna casa de artigos fotográficos na Rua Nova do Almada, 55-57 em Lisboa. Nos seus excelentes e bem apetrechados laboratórios executam-se com a possível brevidade e o máximo cuidado e perfeição todos os trabalhos de fotografia — como: revelagens, cópias, ampliações, etc. — sob os cuidados técnicos de pessoal especializado.

RELOJOARIA CAYRES é o moderno estabelecimento na RUA DO OURO, 133, onde o público de Lisboa encontra as mais categorizadas marcas de relógios. Mas há mais: Cayres oferece ainda uma oficina que é um verdadeiro laboratório técnico, apetrechado com aparelhagem e ferramentas hoje indispensáveis ao consêrto, afinação e controle da relojoaria de alta precisão, cuja montagem foi superiormente dirigida por um especialista

QUINTÃO, não é só a casa especialisada em tapetes das melhores marcas nacionais, como são os de BEIRIZ e de ARRAIOLOS. Também ali encontramos MÓVEIS DE ARTE, lindas peças em COBRE para decoração de interiores e as características MANTAS ALENTEJANAS que têm feito um verdadeiro sucesso. QUINTÃO, 32, Rua Ivens.

TOME nota desta firma e do seu endereço: GUEDES SILVA & GUEDES, LIMITADA — 32, Rua Eugénio dos Santos, 34, em Lisboa, telef.: 2 3746. Aqui, nesta casa da especialidade, encontram os interessados não só imensa variedade de FERRAGENS para a construção civil, em todos os estilos, como ainda enorme sortido de FERRAMENTAS. Guedes Silva & Guedes, Lda., aceitam também encomendas para CROMAGEM em todos os metais.

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

SERVIÇO DE CARGA E PASSAGEIROS PARA

ÁFRICA, AMÉRICA DO NORTE E BRASIL

LISBOA – RUA DE S. JULIÃO, 63 – TELEF. 3 0131 a 3 0138 ★ PORTO – RUA INFANTE D. HENRIQUE, 9

Mobiloil
Use o Novo Mobiloil

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. DE S. PEDRO DE ALCÂNTARA, 45, 1.º - TEL. 32531 - LISBOA

PANORAMA

Revista Portuguesa de Arte e Turismo

EDIÇÃO DO SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO

NUMERO 39 ★ ANO de 1949 ★ VOLUME 7.º

CAPA: A PROVINCIA, AGUARELA DE BERNARDO MARQUES. — EXTRAS-TEXTO DE BERNARDO MARQUES E TOM. — DESENHOS DE: BERNARDO MARQUES, MANUEL LAPA E TOM. — FOTOGRAFIAS DE: A. CASTEL-BRANCO, ADELINO LYON DE CASTRO, ARTUR PASTOR, BELEZA, HORACIO NOVAES, J. C. ALVAREZ, MARIO NOVAES E TOM.

Condições de assinatura para 6 números: Portugal (Continente, Ilhas Adjacentes e Províncias Ultramarinas), Espanha e Brasil: 60$00 — Estrangeiro: 85$00 — Distribuidor no Brasil: Livros de Portugal, Lda. — Rua Gonçalves Dias, 62, Rio de Janeiro

Capa: Fotogravura Nacional e Litografia Amorim — Fotolitografias: Litografia de Portugal, Fotogravura Nacional e Litografia Amorim — Gravuras: Bertrand, Irmãos, Lda. e Fotogravura Nacional, Lda. — Composição e Impressão: Tipografia da Empresa Nacional de Publicidade

PREÇO: 10$00

A PROVÍNCIA NA POESIA PORTUGUESA

Dizem que havia um pastor
entre Tejo e Odiana,
que era perdido de amor
por uma moça Joana.
Joana patas guardava
pela ribeira do Tejo,
seu pai acerca morava,
e o pastor, de Alentejo
era, e Jano se chamava.

Quando as fomes grandes foram,
que Alentejo foi perdido,
da aldeia que chamam Torrão
foi este pastor fugido.
Levava um pouco de gado,
que lhe ficou doutro muito
que lhe morreu de cansado;
que Alentejo era enxuito
d'água e mui seco de prado.

Toda a terra foi perdida;
no campo do Tejo só
achava o gado guarida:
ver Alentejo era um dó!
....

BERNARDIM RIBEIRO

* * *

Vem a Coimbra. Hás-de gostar, sim, meu
[Amigo.]
Vamos! Dá-me o teu braço e vem daí comigo...
....
Manuel, vamos por aí fora
Lavar a alma, furtar beijos, colher flores,
por esses doces, religiosos arredores,
que vistos uma vez, ah! não se esquecem mais:
Torres, Condeixa, Santo António de Olivais,
Lorvão, Sernache, Nazaré, Tentúgal, Celas!
Sítios sem par! Onde há paisagens como
[aquelas?]
Santos Lugares, onde jaz meu coração
Cada um é para mim uma recordação...
....

ANTÓNIO NOBRE

Província onde eu nasci, amada do luar
e do sol ruidoso, ardente, imorredoiro;
Lírio fresco e azul deitado à beira mar,
com o cálix gentil a orvalhar-se em oiro...
....
Oh! meu Algarve impressionista e mole,
meu lindo preguiçoso adormecido ao sol,
meu louco sonhador a respirar quimeras,
ouvindo, no azul, o canto das esferas
— a marcha triunfal dos mundos pelo ar...
Para te adormecer, Deus pôs-te perto o mar
e, para fecundar a tua fantasia
no vasto palco azul, erguido nos espaços,
fez mais belo p'ra ti o drama em oiro — o
[Dia —
e deu, p'ra te abraçar, à luz, mais fortes braços.
....

JOÃO LÚCIO

* * *

Portugal — quis Deus que fosse
pequeno, lindo painel,
que as belezas resumisse
de seu divino pincel.
....
Fonte d'água cristalina
por entre fresco verdor;
oculta do sol os raios,
aberta a laços d'amor.

As lombas d'areia branca
erguidas à beira-mar,
que o vento, qual no deserto,
em nuvens levanta no ar...
....
Aqui, tudo! — A minha terra
não teve, nem tem rival.
Que lhe falta? — É só juizo
o que não tem Portugal.

COSTA CASCAES

Que assim sai a manhã serena e bela!
Como vem no horizonte o sol raiando!
Já se vão os outeiros divisando,
já no céu se não vê nenhuma estrela.

Como se ouve na rústica janela
do pátrio ninho o rouxinol cantando!
Já lá vai para o monte o gado andando,
Já começa o barqueiro a içar a vela...
....

JOÃO XAVIER DE MATOS

* * *

Era de outono uma tarde,
como há só em Portugal;
quando em calma se não arde
nem de frio inda há sinal;
o ar, d'azul transparente
é cristalino, sem véu,
e até parece que ao céu
se prende a vista da gente.

Fui-me então por montes fora
da linda tarde gozar...
....
Das cidades essa lida,
que eu bem sei que vai por lá,
não importa a mim por cá,
tenho d'além melhor vida!

Que me importa esse ruído
se errado caminho traz?
Por ignorado, é perdido
o trabalho em santa paz?!
Ideias, progresso, mundo...
O trato não me seduz;
vem-me dali melhor luz,
vem-me saber mais profundo!
....

JOÃO DE LEMOS

Que fresca aldeia formosa
na margem do meu Pavia!
Tão branca, tão buliçosa,
tão sussurante e donosa
no seu copado arvoredo,
como festiva Fogaça
num dia de romaria,
toda vestida de cassa;
com lenço de seda verde
no airoso colo abraçado,
e um íris de mil matizes
na breve cinta apertado;
e no peito e no cabelo
o mais completo jardim!
— Não achais o quadro belo?
Pois bem: a aldeia era assim.
....

TOMAS RIBEIRO

* * *

Minha terra embalada pelas ondas,
lindo país de moiras encantadas,
onde o amor tece lendas e onde as fadas
em castelos de lua dançam rondas.

Oh! meu Algarve, quero que me escondas,
que na treva da morte haja alvoradas!
Hei-de sonhar com moiras encantadas,
Se dormir embalado pelas ondas...

Quando o sol emergir de trás da serra,
sempre será o sol da minha terra
a fecundar-me o chão da sepultura.

Ao pé dos meus, na minha aldeia querida,
a morte será quase uma ventura,
a morte será quase como a vida...

CANDIDO GUERREIRO

A PROVÍNCIA NA POESIA PORTUGUESA

CANTAVA Alcido, um dia, ao som das águas
do Lima, que mais brando ali corria,
dizem que por ouvir suas doces mágoas.

Sobre um curvo penedo, que pendia
por cima da corrente vagarosa,
se me não lembra mal, assim dizia:

....
Vem, Sílvia, já, ver neste cristal puro
teu brando parecer, daqui de cima
deste penedo, menos que ti duro.

Porque fazes, cruel, tão pouca estima
desta fresca ribeira, destas flores,
que mansamente rega o manso Lima?

Aqui as doces aves seus amores
dum ramo em outro ramo, vão cantando;
aqui se veste o campo de mil cores.

Daqui, donde por ti estou chamando,
no fundo deste pego, os negros peixes
e os broncos seixos estarás contando.

Ou te queixes de mim, ou te não queixes,
ou branda, ou sempre irosa, me respondas,
este fresco lugar, Sílvia, não deixes!
....

DIOGO BERNARDES

* * *

OLHA bem estes sítios queridos,
vê-os bem neste olhar derradeiro.
Ai, o verde dos montes erguidos,
Ai, o verde do triste pinheiro!
Que saudades que deles teremos...
Que saudade! ai, amor, que saudade!
....
E oh! deixar tais delícias como esta,
E trocar este céu de ventura
Pelo inferno da escrava cidade!
....

ALMEIDA GARRET

ENTRE Sintra, a mui prezada
e serra de Riba-Tejo
que Arrábida é chamada,
perto donde o rio Tejo
se mete n'água salgada...
....
Daqui fomos discorrendo
até o Tejo passar,
a água de quem eu vendo
me foi dor sobre dor dar,
indo já dor padecendo.
Chorando a lembrança dela,
virada foi minha face
pera onde o gado pace
da grande serra da Estrela,
da qual o Zêzere nace.
....

CRISTÓVÃO FALCÃO

* * *

NATAL... Na província neva.
Nos lares aconchegados,
Um sentimento conserva
Os sentimentos passados.

Coração oposto ao mundo,
Como a família é verdade!
Meu pensamento é profundo,
Estou só e sonho saudade.

E como é branca de graça
A paisagem que não sei,
Vista de trás da vidraça
Do lar que nunca terei!

FERNANDO PESSOA

Ó Arraiolos branquinha,
com vermelhão nos telhados:
aos teus tapetes de fama
dá gosto vê-los bordados!

Toda caiada no longe,
a glória que isso te pôs!
Também as bilhas de barro
ganharam honra a Estremoz.

Os teus tapetes de fama
é sem favor que os invejo,
ó Arraiolos branquinha,
brinco do meu Alentejo!

ANTÓNIO SARDINHA

* * *

ANGLOS-SAXÓNIOS, tendes que invejar!
Ricos suicidas, comparai convosco!
Aqui, tudo espontâneo, alegre, tosco,
Facílimo, evidente, salutar!

Oponde às regiões que dão os vinhos,
Vossos montes de escórias inda quentes!
E as febris oficinas estridentes
Às nossas tecelagens e moinhos!
....
Uma aldeia daqui é mais feliz,
Londres sombria, em que cintila a corte!...
Mesmo que tu, que vives a compor-te,
Grande seio arquejante de Paris!...

Ah! que de glória, que de colorido,
Quando, por meu mandado e meu conselho,
Cá se empapelam «as maçãs d'espelho»
Que Herbert Spencer talvez tenha comido!
....

CESÁRIO VERDE

CASTELO de Beja,
No plaino sem fim;
Já morto que eu seja,
Lembra-te de mim!

Castelo de Beja,
De nuvens toucado;
A luz que te beija
É sol do Passado!

Castelo de Beja
Feito de epopeias;
Um sonho flameja
Nas tuas ameias!

Castelo de Beja,
Subindo, lá vais...
Tu fazes inveja
Às águas reais!

Castelo de Beja,
Lembra-te de mim:
Saudade que adeja
No plaino sem fim...

MÁRIO BEIRÃO

* * *

SE eu tivesse nascido
No seio da Província, era fatal
Que o meu sonho maior, o mais sentido,
Seria triunfar na Capital.
E depois de supô-lo conseguido,
Voltar à terra natal
E ser p'los conterrâneos recebido
Com palmas e foguetes,
Fanfarras, vivas e banquetes
Na Câmara Municipal.

CARLOS QUEIROZ

Começa a distanciar-se o tempo em que se justificava inteiramente este brado de revolta com que certo periódico regional intitulou um artigo de fundo: «A Província também é Portugal!». Hoje, se por um lado se acentua, entre nós como no estrangeiro, o poder de atracção da Capital sobre as populações provinciais — corrente nefasta, sob tantos aspectos, que por diversos meios se procura suster — é fora de dúvida ter-se criado no nosso País, graças à visão compreensiva do Governo e à eficiente actividade de vários orgãos do Estado, uma consciência pública da imperiosa necessidade de valorizar a Província.

E no desejo de contribuir para que essa consciência se mantenha desperta e se torne mais lúcida e fecunda, que neste número de PANORAMA se reunem algumas expressivas e características «imagens» da fisionomia da

PROVÍNCIA PORTUGUESA.

A PROVÍNCIA

ADA mais grato a um coração provinciano que introduzir com palavras algumas imagens da província. Só duvido se um ilhéu é um puro provinciano. O conceito civilisacional de «província» implica a oposição a «capital» num correlato próximo: Lisboa — Paio Pires; Lisboa — Maçãs de D. Maria; Lisboa — Lourinhã: a adoptarmos, para tanto, os nomes das santas terras que a dicacidade nacional escolheu como padrões do estigma provinciano. E, se quisermos exemplos de mais longe e mais amplos: Lisboa — Bragança; Lisboa — Barroso; Lisboa — Fafe.

Já repararam que o antigo labéu de provinciano raramente era exemplificado em Portugal com terras ao sul do Tejo, a não ser que se tratasse da pura troça alfacinha às gentes do aro saloio, pois nesse caso lá vinha Paio Pires, Aldeia Galega, etc.? A força do pseudo-opróbio acorrentado a certos nomes de lugar era tamanha, que a boa terra de Aldeia Galega teve de eufemizar o seu chamadoiro em «Montijo» para fugir ao escárnio do etnónimo — «galego» — que, por caber a uma honrada e lírica raça de serviçais de Lisboa, a «morgue» e a preguiça alfacinha e depois o ressentimento brasileiro fizeram injurioso nas duas metrópoles lusitanas: em Lisboa e no

A PROVÍNCIA

Rio; quando é certo que Aldeia Galega não vem de Galegos da Galiza, antes é uma colónia medieval de Franceses ou «Galos» do Sul. As terras povoadas, nas origens do reino por Franceses do Norte tomavam às vezes o nome de Vila Franca; as que recebiam colonos vindos do Sul ficavam com o epíteto de «galegas»: Aldeia Galega, Póvoa de Galegos, etc.

E por que não se empregavam, em regra, nomes de povoações do sul do Tejo como paradigmas de embaraço ou torpeza aldeã? Eu creio que pela simples razão de que o povoamento do País se fez de norte a sul, principalmente à custa de contribuições demográficas oriundas dos velhos núcleos territoriais do Centro-Norte e do Nordeste (portucalense, bracarense, lamecense, conimbricense...), que assim mantiveram com o Centro-Sul, povoado de fresca data mas privilegiado pela importância geográfica centralizadora dum país tornado imperial e atlântico, uma espécie de surda rivalidade. O Norte reivindicava ancianidade e casticismo; o Centro-Sul (a Lisboa estremenha e metropolitana) arrogava-se a capitalidade, o cosmopolitismo, o poder. Do Tejo para o Sul não havia grandes razões de oposição a Lisboa, e vice-versa. Setúbal era uma sucursal, uma adjacência, um porto regional de pescado, laranja e cortiça. Dos grandes núcleos do Sul anteriores à industrialização da faixa litorânea algarvia (Olhão, Portimão, Faro, Vila Real de Santo António), apenas Évora poderia oferecer uma vaga rivalidade a Lisboa. Mas a Évora humanística e cortesã de D. Manuel a D. Sebastião identificou-se a breve trecho com Lisboa, expedindo para a capital a nata da sua população aristocrática, que apenas tinha em Évora e

FOTOS DE ARTUR PASTOR

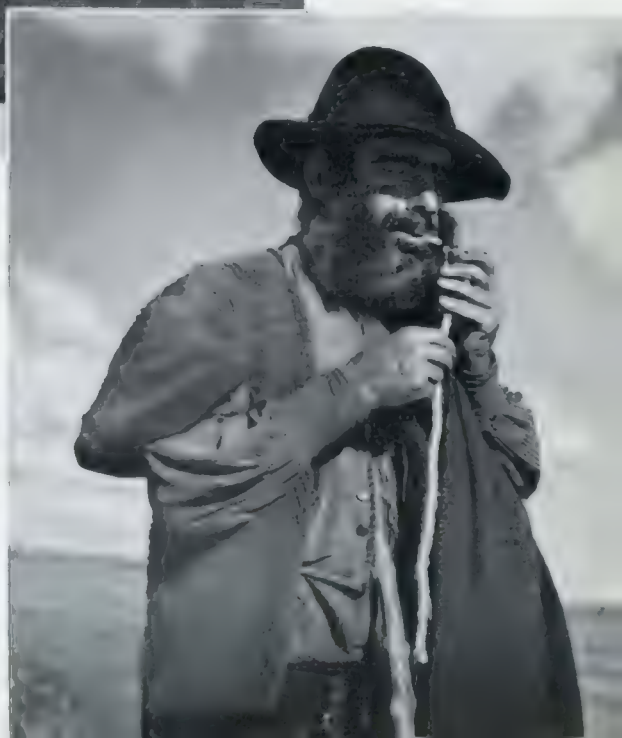
nas grandes vilas alentejanas — Vila Viçosa, Borba, Serpa, Redondo — os solares dos seus latifúndios, ao passo que a aristocracia do Norte se mantinha em parte presa às honras e às torres avoengas, resistindo ao canto da sereia tagana e até pleiteando com a grande nobreza paçã posições de domínio e influência.

Deve ser por aí, pela concorrência entre os vários estamentos aristocráticos do País, que o conceito e o apodo de «provinciano» se devem ter formado em Portugal. A província, para nós, não era o Alentejo (uma herdade) nem o Algarve (um porto de pesca e uma figueira). Tão-pouco era a Estremadura, que, como

FOTOS DE TOM

o nome indica, não passava de zona fronteiriça, aliás administrativa e econòmicamente afecta a Lisboa. A província portuguesa era o Minho, Trás-os-Montes e a Beira, com as suas subdivisões, interdependências e matizes. Aí residiam as velhas populações troncais da energia nacional. Aí ficavam os velhos e nobres núcleos urbanos densos e fecundos: Braga, Porto, Viseu, Lamego, Coimbra... Nos confins de Nordeste e Leste, as cidades frias e extremas, mas fiéis e castiças: Bragança, Miranda, Pinhel, Guarda, Castelo Branco... No Noroeste e no Centro, os centros de vida citados e seus satélites: Via-

CLARO escuro... Lirismo e drama...
O sorriso luminoso e festivo das ermidas caiadas e a sombria austeridade das catedrais. à hora grave das Trindades, quando as almas se elevam no mais profundo recolhimento.
Contrastes vivos, a que os tipos humanos e os costumes, na província, dão um cunho especial.

FOTOS DE A. PASTOR e TOM

A PROVÍNCIA

na, Ponte de Lima, Aveiro, Mangualde, Figueira da Foz... Mas Coimbra, sede universitária, nó de comunicações, área da norma fonética do português, nunca foi considerada tìpicamente provinciana. O Porto sim, que era o bastião do estilo de vida castiço, dos direitos das povoações mais velhas, do carácter português antigo, da parcimónia patriarcal, da vida chã e operosa — enfim, de tudo o que, com mais ou menos realidade, mais ou menos convenção, se considerava o cimento e a força do País, por oposição ao esbanjamento, à superficialidade, ao feitio pseudo-leviano de Lisboa.
Porém o Porto oferecia à depreciação que lhe vinha desdenhosamente da capital a forte realidade do seu progresso económico e dos cómodos em que ele se traduz — índices de gosto e de sumptuária, de convívio e de requinte: enfim, o contrário do que se chama «provinciano», que afinal só vinha a caber com alguma propriedade às cidades e vilas sepultas na espessura e sossego do País, vivendo da escassa vida diocesana e comarcã, de rendeiros e contribuintes, de hábitos e rotinas.
Nem o campo é, em rigor, provinciano. O campo é aldeão — e para isso, ainda assim, precisa de um mínimo de aglomerado. O aldeão distingue-se do provinciano na rudeza confessada, na candura rústica, no primitivismo, ao passo que sobre o provinciano recargam sobretudo factores de solidez, previdência, plenitude étnica.
O romance e a poesia, desde o século XIX, encarregaram-se de definir e elogiar ou vituperar a província. O elogio, porém, vencia o impropério. À medida que as grandes capitais se desenvolvem, impulsionadas pela era industrial, a província vai ga-

E o pitoresco dos pátios, das cercas e quintais das casas provincianas? — A frescura das plantas e a buliçosa presença dos animais, se nem sempre significam felicidade e riqueza, são consolador exemplo de paz entre os homens e de harmonia com a Natureza.

FOTOS DE A. PASTOR e TOM

A PROVÍNCIA

nhando ascendente sobre elas, pois verifica-se que a cosmopolização crescente é fruto de afluxos provincianos. A província civiliza a cidade; a cidade devolve-se à província. O verdadeiro cidadão metropolitano é o que reune em si campo e cidade: que mora nela de inverno e foge dela de verão.

A extrema mobilidade das populações modernas, tornando-as quase ubíquas, mata pouco a pouco o velho provincianismo. E, com o provincianismo, a província. Não mais os largozinhos quase desertos, onde um quiosque, ao domingo, põe a lírica nota da banda de música e do arraial. Adeus insignificância, modéstia, reclusão! Já as senhoras antigas hão-de perder as prendas sem ter a quem ensiná-las. Murcham as flores naturais; as de papel desbotam; canutilhos e pompões somem-se no fundo das gavetas... Este daguerreótipo marca uma feição ultrapassada, qualquer coisa de breve e de inocente que vai perder cotação. A própria literatura que valorizava o repouso, a quietação, a distância, perde pé. Não se saberá mais o que era uma botica sertaneja, uma sé velha com os seus carrilhões guardados para o *ecce sacerdos*, um cónego lutando com os cabeções do capote por trás da «casa da fábrica», uma saudade de menina, o perdigueiro dum caçador...

Eu vejo tudo mate enquanto a província morre. Já Camilo Castelo Branco, ao falar de Fafe ou de Vila Real, precisará de um glossário. Júlio Dinis e *A Morgadinha dos Canaviais* serão puramente obsoletos. O próprio Eça de Queiroz de *O Crime do Padre Amaro* não será entendido. Escureceu. Dos telhados da terra de província resta uma linha quebrada, por cima da qual o azul deposita tìmidamente estrelas. O céu pro-

FOTOS DE A. PASTOR e E. PORTUGAL

vinciano é profundo, leve, sem silhuetas. Até este estilo um pouco mais tocado de comoção com que nos despedimos da província, parece provinciano. Quê?! Já se não usa. Agora a linguagem precisa de uma concisão sintética, de uma frieza incomovível, de uma precisão matemática. Assim como se algebriza a lógica, deve-se simbolizar econòmicamente a saudade, o desejo, a alegria. Olha se uma diligência de guizos pode valer este estupendo auto-

Onde se confirma que a poesia, muitas vezes,
reside mais nas coisas do que nos versos...

carro ou esta automotora blindada, envidraçada a *sekurite*, estofada a super-pergamoide, verdadeira ave mecânica dos bosques ferroviários!

Despede-te, leitor, através destas quantas imagens fotográficas que verás aqui, do que te foi grato ao longe. Ama um momento a ruazinha sossegada, a casa solarenga, a varanda florida, o banco do jardim, a barraca de feira. Vão montar mais andares no arranha-céu. A cave terá dois pisos: um a luz fluorescente, outro para abrigo contra ataques maciços aéreos. Àquela carrocinha donde cuidadosamente saltava uma matrona, sucede o quadrimotor donde o pára-quedista irradia. A província morre na vida. No nosso coração não morrerá.

VITORINO NEMÉSIO

DESENHOS DE BERNARDO MARQUES

LIRISMO e Catolicismo são sinónimos na alma singela do nosso povo, como são na paisagem urbana provincial — que as igrejas dominam com as nobres linhas da sua arquitectura e a sonora graça dos campanários.

FOTOS DE TOM e A. PASTOR

FOTO DE ARTUR PASTOR

ENTRE OS VARIADISSIMOS ASPECTOS QUE DISTINGUEM E CONFEREM ENCANTO POÉTICO — POR VEZES QUASE PODER MÁGICO... — À PAISAGEM PORTUGUESA, TÊM LUGAR PRIMACIAL OS POENTES, SEMPRE DIVERSOS E MARAVILHOSOS: ORA DE INTENSIDADE DRAMÁTICA, ORA DE APOTEÓTICA POLICROMIA; ORA DE GRITANTE LUMINOSIDADE, ORA DE TONS BRANDOS E DISCRETOS, CONVIDANDO À MEDITAÇÃO.

ENTERRO DE ANJINHO — AGUARELA DE BERNARDO MARQUES
PARA O ALBUM «A PROVINCIA».

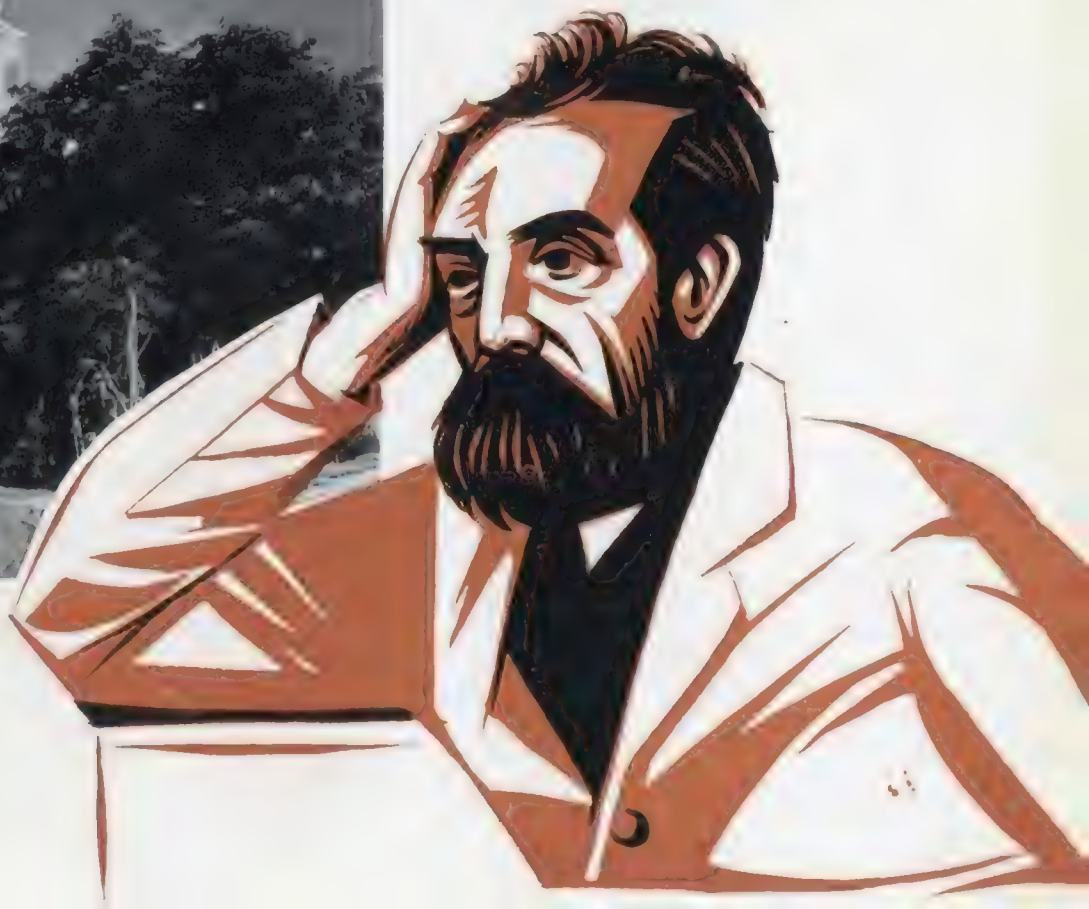
OS ESCRITORES E A PROVÍNCIA

SE é discutível a tese, divulgada no século passado, de que as idiossincrasias e as obras dos escritores são sempre determinadas pela índole das paisagens em cujo âmbito foram nados e criados, o certo é que ela, em numerosos casos, influi poderosamente, não só na maneira de ser, como nos temas e no próprio estilo. Moniz Barreto foi, entre nós, o primeiro crítico a considerar esse fenómeno, exemplificando-o, quando escreveu que «João de Deus é um filho do Algarve, e muitos traços da sua fisionomia se explicam pela sua origem: natural e clemente, eis os caracteres desse meio...», etc. Segundo o mesmo autor, fàcilmente se reconhece, também, na obra poética de Tomás Ribeiro, o cunho da sua província natal, a Beira — «região montanhosa e silvestre, habitada por uma população vigorosa, bem nutrida, habituada à marcha e à caça...»

E quantos outros exemplos se podem contar, desde a identificação da lírica de Diogo Bernardes com a paisagem do Lima, à dos sonetos de Florbela Espanca com a planície alentejana? Que seria a obra de Frei Agostinho da Cruz sem a Arrábida, a de Antero de Quental sem os Açores, a de Cesário Verde sem Linda-a-Pastora, a de António Nobre sem os arredores do Porto e os de Coimbra?

Todavia, não é menos verdade que à presença humana e às criações dos poetas e romancistas de maior vulto, ficaram para sempre a dever grande parte do seu encanto, do seu poder de atracção e do seu prestígio, as paisagens que eles habitaram — e amorosamente cantaram ou descreveram.

Camilo Castelo Branco «está para» o ambiente rústico e dramático de São Miguel de Seide, como Bocage para a risonha paisagem marítima de Setúbal.

O clima, as cores, a luz, a morfologia e os costumes do Alentejo integraram-se tanto na pessoa e na obra de Fialho de Almeida, como os caracteres do Algarve nas de João de Deus.

«SE COIMBRA FOSSE MINHA COMO É DOS ESTUDANTES...»

A paisagem sem par de Coimbra — «a mirar-se no Mondego» — que fez desabrochar tantas vocações literárias e foi tema de tantas composições poéticas, desde o século XV à actualidade, teve em António Nobre e Eugénio de Castro os seus mais fiéis e apaixonados cantores.

DESENHOS DE MANUEL LAPA

A ALDEIA

O CAMPO E O MAR

A ALDEIA

UM moço desconhecido atravessou a aldeia. Vestia de negro, calçava de negro e levava na cabeça, sombreando-lhe o rosto pálido e perfeito, um chapéu negro de abas largas e planas.

Ninguém soube chamá-lo pelo seu nome, nenhuma porta se abriu e o convidou a entrar, mas muitos sentiram que ele vivia no fundo das suas reminiscências. Uns fecharam os olhos e frenèticamente conduziram-se ao sonho. Outros coraram. Nos olhos de alguns as lágrimas brilharam e as mulheres velhas deixaram que elas lhes rolassem livremente pelo rosto.

Fechados no círculo que rodeia a sua aldeia, não desejam sair dela, cortar a linha que os separa do resto do mundo — porque lhes sobeja em riqueza do fundo de alma o que lhes falta em surpresa por caminhos nunca pisados.

O moço surgiu das bandas da Igreja Velha pela manhã da Festa Grande ao Senhor Jesus dos Aflitos. Setembro é sempre manso, luminoso e doirado naquele dia. Nas ruas a claridade batendo na cal nova, deslumbra de brancura o próprio sol. E após a missa, que levou todos os fiéis a percorrerem dois quilómetros, felizes e calmos, a aldeia anima-se da vida que volta, se cruza nas ruas, se senta à roda da mesa do jantar quando o sol ainda vai alto, se alteia na esperança do negócio que vai fazer-se porque o vinho promete, na esperança da mulher que sonha ter o filho nos braços para o ano seguinte, na esperança da noiva que parou há pouco, a ver como vão já altas as paredes da casa que há-de ser o seu lar. Tudo porque as searas foram boas, a luta deu os seus frutos com uma brevidade maior que dá aos homens da cidade — esses que desconhecem como é duro o frio em lâmina de geada, como o calor os faz sufocar e o suor lhes encharca as roupas, com que anseio se curvam

FOTO DE ARTUR PASTOR

para a terra ao vê-la dar-se, guardar depois, misteriosamente, a promessa que esperam, ou então como lhes dói a chuva quando cai de maneira a poder apodrecer a semente ou quando o sol teima em despontar sem nuvens e a terra seca implora a água.

E tudo isso, todo o heroísmo das suas lutas se passa entre as Avè-Marias matutinas e aquelas que ecoam normalmente, ao pôr do sol sempre triste. Esperam do futuro, mas não pensam em viagens. Elevam-se pela oração e são bons para o irmão

que dorme pelos caminhos, transporta consigo na manta que leva ao ombro o agasalho de um lar e as mulheres ficam pensando, ao vê-lo afastar-se, nas histórias que ouviram em pequenas e no rei do reino dos humildes...
Pois naquele dia um moço desconhecido atravessou a aldeia. Nem todos o viram, porque só os tristes ou os ansiosos reparam na verdadeira vida que passa.
Foi assim que o mocinho que brincava na rua (a avó está desgostosa porque a filha lhe morreu há pouco e não tem alegria para vestir o neto e mandá-lo à festa) viu passar por ele, em passo cadenciado e ao mesmo tempo leve, o senhor que surgiu das bandas da Igreja Velha. Não se amedrontou — o rosto do senhor era doce e calmo — mas desejou, desejou com toda a sua força ser homem, não ter no peito a mágoa de ter perdido a mãe e ir assim vestido, à missa, num dia de festa igual àquele.
Foi um desejo rápido, que durou o instante da sua passagem por ali e lhe iluminou o pequeno coração sombrio.
A senhora professora viu o desconhecido deter-se sob as árvores que parecem dar rosas vermelhas e o coração bateu-lhe mais apressado. Lembrou-lhe o noivo distante. Corou. Ia talvez fazer mal em aceitar a companhia do colega durante a tarde daquele dia nas cavalhadas. O passado desenrolou as imagens esquecidas. O moço continuou o seu caminho.
Ao passar em frente da pequena igreja da aldeia, um casamento vem a sair. Todos estão atentos às expressões do novo casal e riem e cumprimentam-se. Só a irmã do noivo repara no desconhecido, cujo andar não se apressa ou retarda. Quem será?, pensa consigo. Assim vestido, há-de ela trazer o seu rapaz no grande dia, quando

GEORGES! anda ver meu país de romarias / E procissões! / Olha essas moças, olha essas Marias! / Caramba! dá-lhes beliscões! / Estralejam foguetes e morteiros. / Lá vem o pálio, e pegam ao cordão / Honestos e morenos cavalheiros. / ...Os anjinhos! Vêm a suar: / Infantes de três anos, coitadinhos! / Mãos invisíveis levam-nos de rastos / Que eles mal sabem andar...

ANTÓNIO NOBRE

vier da tropa. As lágrimas assomam-lhe aos olhos. Os convidados entreolham-se, comovidos.
Quando a procissão surge, todos os olhares vão fitar-se no senhor prior que leva sob o pálio a Hóstia consagrada. Pelas portas, pelas ruas os que não se juntam ao cortejo, ajoelham, soluçam, tão depressa reparam nos meninos-anjos, de grandes asas, como nos paramentos do senhor prior, nos andores, nos círios que desfilam com a música atrás e os pendões de cetim brilhante — «Mártir S. Sebastião», «Santa Rita de Cássia» — botas pretas que estão brancas da poeira dos caminhos, sorrisos de cansaço e de ventura.
Por detrás do vidro de um postigo uma velha, saudosa do filho que há anos abalou para o Brasil, descobre, quando a procissão já vai longe e só o som da música a prende à madeira da porta, o desconhecido que passa. É fugaz o momento da sua felicidade: «Parece o meu filho, Senhor!» Mas o moço continua o seu caminho, agora para o lado das Águas-Férreas. E uma voz interior lhe afirma: «Há-de voltar o teu filho, há-de voltar!» A saudade desfez-se em pranto. Chora e o seu coração alivia-se. Tão linda a sua aldeia! Para quê procurar riquezas para além dela? Mas sempre fora assim, de pequeno, o seu filho. Felicidade? Nunca nas cartas lhe falava nisso. Tinha dinheiro, havia de voltar, mas a verdade é que a própria aldeia parecia sofrer, como se fora mãe e abandonada.
Poucas pessoas mais viram naquele dia de festa o moço desconhecido. No pátio de um lavrador ele tentou penetrar. Entreabriu a porta, mas só um dos circunstantes se apercebeu da sua presença. Lembrou-se do irmão, morto e da sobrinha que era, agora, como sua filha. «Como seu pai hei-de ser, sossega». Depois foi a lembrança

dade, uma promessa, a encher--lhes a alma rica, lírica e profunda.
E, como grandes senhores, possuem, guardam e esbanjam poeira de caminhos, sol de manhãs frias, oiro nas folhas da vinha, rebanhos, nuvens no céu, tardes plácidas de domingos de Inverno, tardes de festa, dobre de sino a finados, noites de lua, noites de Primavera quando a noite é só aroma, uivos de cães distantes, nos cerrados, sombra de árvores bordando o chão bravo e virgem quando a madrugada cresce. Cheiro de frutos, azáfama de eiras, cantigas de boieiros à rabiça do arado — e tudo discreto, natural, presente, na poeira, que não precisa de distância, de cada aldeia portuguesa.

NATÉRCIA FREIRE

FOTOS DE ARTUR PASTOR, MARQUES DA COSTA E TOM

da infância de ambos, das manhãs no campo, das jornadas para a caça, dos dias de festa como aquele.
À noite, todos viram, mais ou menos felizes, erguer-se pelo céu estrelado o fogo de vista dos dias grandes. E todos, felizes ou infelizes, tinham tido o seu dia. No ritmo normal, todos se levantam com o sol e quase se deitam com ele.
Frequentam a sua igreja e estão sempre preparados para receber as dores que a vida lhes trouxer.
Brincam nos dias de festa e trabalham, em festa, nos outros dias.
Aos tristes, ou aos ansiosos, não falta nunca *uma visão, uma sau-*

O CAMPO E O MAR

Como é rica, inconstante, variada, a paisagem portuguesa! Monótona e igual, só o é no Alentejo, e mesmo aí, as searas ondulantes, os horizontes longínquos, o canto dolente dos trabalhadores, gotejam poesia por todos os lados, como súbito oásis de melancolia, como súbito silêncio, profundo e grave, num país de cor, de frescura, de natural diversidade. O resto, é o mar, batendo as costas rochosas e as praias quietas desde o Algarve até ao Minho; o mar dos pescadores, saudade e ambição, medo e aventura, atracção eterna, prometendo frias noites sem estrelas, vendavais e tempestades, pescarias sem fim... O resto, é drama sempre renovado, mas orgulhoso e caro destino: lágrimas, dor, luta, valentia, heróica vocação. De Faro a Esposende, nas vilas e nas aldeias da costa, em todo o sítio em que vive um coração de pescador, um olhar vago perdido na distância, uma cara queimada cheirando a sal, a escama de peixe, a areia, o vento do mar alto.
E o resto é também o campo, a paisagem incrìvelmente diversa de Portugal. Quilómetro a quilómetro, o panorama muda, sem cessar, de forma, de cor, de aspecto. Às chaminés mouriscas e às amendoeiras algarvias, sucedem-se as planícies alentejanas, as searas beiroas, as faldas durienses, a suavidade minhota. Serras, planaltos, vales, rios, campinas, matas, cruzam-se e entrecruzam-se em cada região. A arquitectura, o folclore, a tradição, variam ao mesmo ritmo. O povo é outro, desta aldeia para aquela. Como é rica, inconstante, variada, a paisagem portu-

FOTO DE ARTUR PASTOR

guesa! Queremos fechá-la num conceito, enquadrá-la numa moldura, e ela foge-nos das mãos, derrama-se para fora de nós, tal gota de mercúrio que os nossos dedos apenas logram dividir ainda mais. É talvez no monte de Santa Luzia, em Viana do Castelo, que ela parece querer sintetizar-se e desnudar-se ao alcance de um só olhar. Ali estão o mar impetuoso, a espuma branca batendo um areal enorme, a cidade simétrica, o rio Lima atravessando uma planície de sonho, a montanha agreste... Engano, puro engano! E os vinhedos nos socalcos do Douro? E as manadas de cavalos no Ribatejo? E os duros granitos da Beira? E as neves imaculadas da Serra da Estrela? E os sobreiros retorcidos dos campos de Beja?

Uma vida inteira não chegaria, para quem quisesse esquadrinhar Portugal palmo a palmo. Porque esse viajante impossível começaria pela sua pequena aldeia natal. E de descoberta em descoberta, de aventura em aventura, levado pelo amor, pela curiosidade, pela riqueza sem fim desse cofre sem fundo, nunca chegaria a sair dos vales ou dos montes da sua região, nunca passaria para além dos horizontes... Assim é a paisagem portuguesa, campo e mar, mundo imenso que nenhuma pena saberia conquistar por inteiro, que nenhum homem poderia abraçar, numa só existência.

ANTÓNIO QUADROS

FOTOS DE ARTUR PASTOR

Os campos, milhas e milhas,
Com povos de espaço a espaço,
Fazem-se às mil maravilhas;
Dir-se-ia o mar de sargaço
Glauco, ondulante, com ilhas...

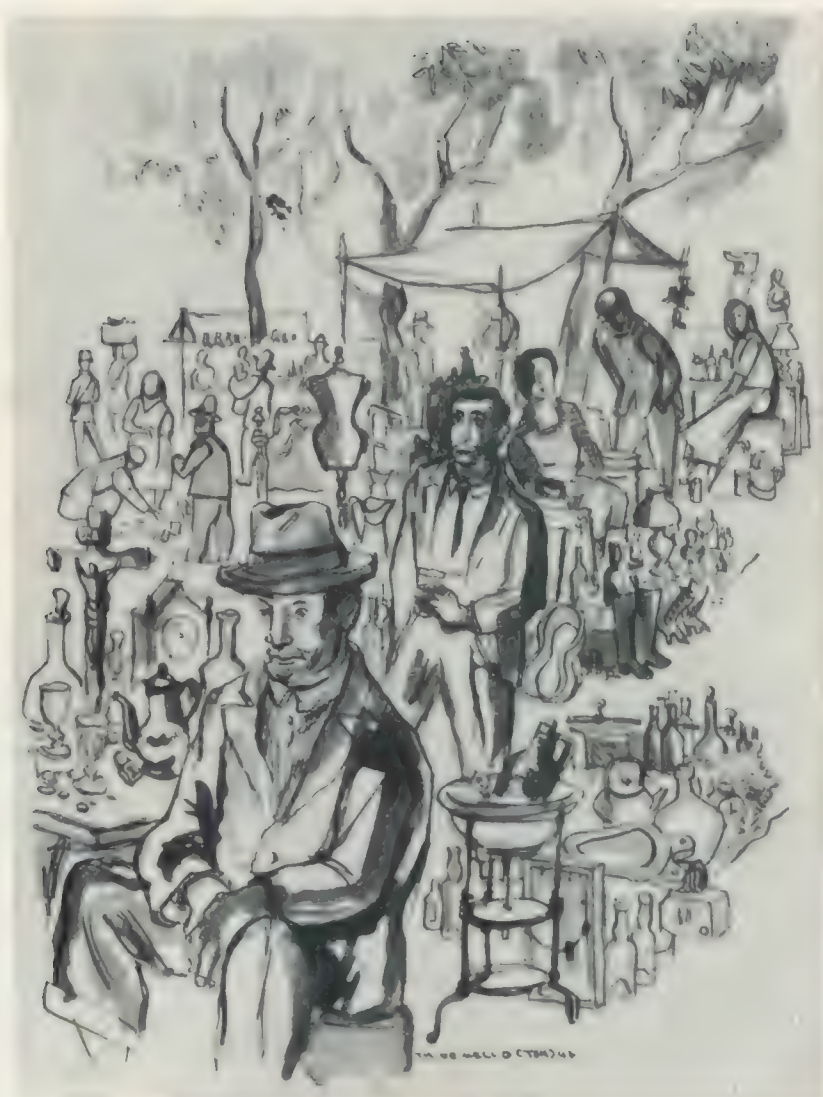
FOTO [illegible]

Pois bem: o inverno deixou-nos.
É certo. Os grãos e as sementes
Que ficam doutros outonos
Acordam hoje frementes
Depois duns poucos de sonos.

CESÁRIO VERDE

MANHÃ. Redemoinho de névoa lá no largo. Vão chegar as lanchas e os batéis. Uns atrás dos outros à bolina já os distingo muito ao longe. No areal todo de oiro secam as redes encascadas, e entre os barcos varados formam-se grupos que os esperam. [...] Vejo-os conduzindo as redes do arraial ou das cabanas para o barco; remendando-as ou secando-as, estendidas no chão ou sobre as recoveiras...

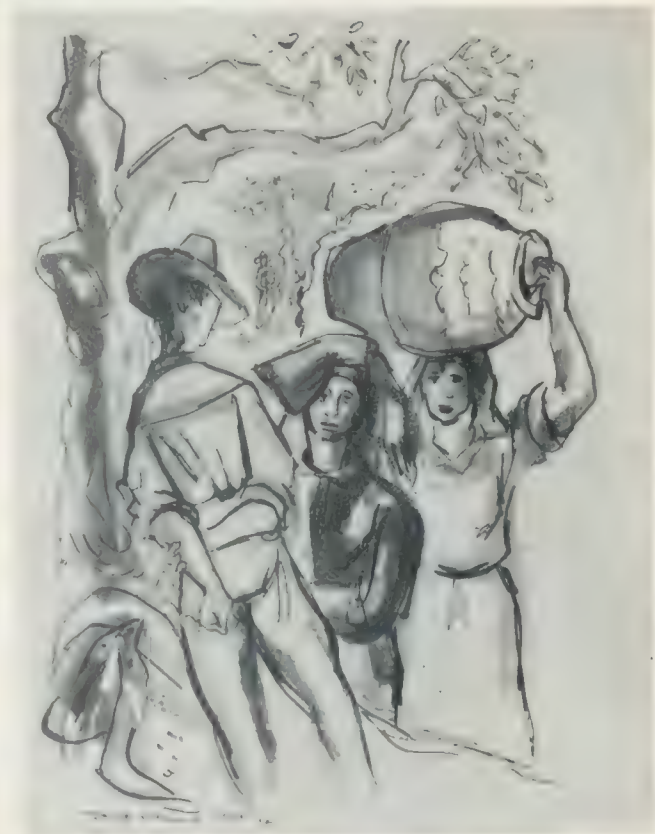
RAUL BRANDÃO («Os Pescadores)

NÃO pode estranhar que seja dominantemente lírico o povo português, quem tenha percorrido as diversas regiões do nosso território. O lirismo nacional é, em grande parte, consequente do amável pitoresco, da graça e do encanto que emanam os mais característicos aspectos, tanto marítimos como rurais, da nossa paisagem, coberta por um céu incomparável, afagada por um clima que talvez não seja excessivo classificar de generosamente criador.

Feiras e Mercados

ENTRE os elementos primaciais de valorização da nossa Província, tanto no plano económico e turístico, de modo geral, como, particularmente, no plano etnográfico, destacam-se com grande relevo as feiras e mercados.
O que existe de mais genuíno e típico nas várias regiões que constituem o território português, desde os produ-

ASPECTOS COLHIDOS POR TOMÁS DE MELLO (TOM) NO MERCADO DE ALCOBAÇA E NA FEIRA DA ORCA. — NA OUTRA PÁGINA: DIA DE FEIRA GRANDE NA CIDADE DE GUIMARÃES.

tos agrícolas ao artesanato, (costumes, trajos, os próprios gestos e modos peculiares da expressão linguística), exibem-se nesses pitorescos certames periódicos, que são, a um tempo, documentários vivos da actividade provincial, e elos sempre renovados que possibilitam a continuidade das tradições regionais.

Os desenhos que inserimos nestas páginas foram reproduzidos do álbum «Terras de Portugal», em que o pintor Tomás de Mello (Tom) fixou diversos aspectos e traços dominantes por ele observados n'alguns dos mercados e feiras mais característicos do País.

UM FLAGRANTE APONTAMENTO DO MOVIMENTADO E PITORESCO MERCADO DA RIBEIRA DO PORTO. — EM BAIXO: VENDEDEIRAS NA FEIRA DE GUIMARÃES.

DESENHOS DE TOMÁS DE MELLO (TOM)

NA FEIRA DA ORCA * AGUARELA DE THOMAZ DE MELLO (TOM)

REPRODUCÇÃO EM FOTOLITO DE BERTRAND (IRMÃOS) — LISBOA

A Casa da Boavista

O nosso país possui, sem dúvida, uma soma de recursos valiosos, que permitem decididamente o desenvolvimento da sua indústria turística. Não se limita sòmente a poder mostrar aqueles lugares já feitos: — a magnífica praia oceânica, a bela cidade histórica, a esplêndida zona de montanha, a maravilhosa estância de águas termais. Dê a boa disposição e o espírito ávido de colher novas perspectivas, para se deambular por essas estradas fora, através de campinas, cruzando rios ou galgando montes, que o encanto nunca deixa de permanecer, não sofre uma desilusão, antes se surpreende ainda mais, muitas vezes, por qualquer pormenor, que os há sempre com probabilidades de surgirem a espaços, em qualquer viagem que se empreenda.

Foi sempre o que nos aconteceu, e agora, recentemente, com êxito que excedeu as nossas espectativas, quando percorriamos a região de Basto — estavamos a meio caminho de Mondim para Celorico — na povoação de Fermil.

Aqui, nesta região onde as duas províncias nortenhas têm os seus limites, a paisagem apresenta-se nìtidamente de transição, num contraste e fusão simultâneos de dois meios naturais bem diferentes: — mantém ainda as grandes linhas transmon-

tanas, mas com a participação já dos elementos que constituem as características essenciais do Minho. À aspereza do ambiente transmontano, sucede-se um meio paisagístico mais buliçoso, mais alegre, pela variedade dos tons e recortes que o compõem.
Pois foi em Fermil. Mal tínhamos parado para nos dessedentar e suster, por momentos, a corrida do horizonte que passava sob a vista para trás de nós, e logo surgiu um garoto

e de arcos de cameleiras em flor. Gozávamos, cheios de satisfação, o admirável conjunto, que tão inesperadamente surgiu, quando se nos apresentou o proprietário da casa, que prontamente nos ofereceu a sua companhia, para uma volta aos jardins, convidando-nos para fazer naquele «éden» uns momentos de paragem.
Aceitámos. Então soubemos que o solar, dos fins do séc. XVIII, é pertença dos Osórios de Aragão, por descendência directa dos primitivos senhores da casa, Teixeiras, Carva-

Dois belos teixos seculares. Um dos jardins laterais e a fachada principal.

de ar ladino e interrogativo, como que a solicitar perguntas para respostas que já tinha prontas na ponta da língua.
E foi ele que nos indicou, ali perto, a Casa da Boavista.
Andados dois quilómetros, estávamos defronte de um solar rodeado de lindos jardins, de buxos bizarramente recortados de formas e figurações várias

Arcos de Cameleiras

lhos, Pintos e Mesquitas, como testemunha a bem talhada pedra de armas de granito a encimar a porta no alto da escadaria.

Os dois últimos Senhores da Casa foram: o benemérito fidalgo Dr. Francisco Osório de Aragão e depois o General seu irmão, pai do actual proprietário, que tão amàvelmente ali nos recebia, e nos indicava prazenteiramente os caminhos cercanos que não devíamos perder na nossa digressão.

Para além dos jardins, o solar estende ainda os seus domínios pelos contíguos campos de grangeio, circundados de «ramadas» que produzem o esplêndido vinho verde da Boavista, que nos foi dado apreciar.

Démos mais uma vez a nossa atenção ao cenário maravilhoso dos jardins, onde não há arbusto, por menos importante, que não tenha um recorte figurado. São pavões, grandes galinhas, patos, pirâmides, que a tesoura do hábil jardineiro talhou com a méstria da arte, nunca revelada a estranhos, legada na família em «segredo profissional».

Finalmente, despedimo-nos cativados pela forma amistosa que envolveu aqueles breves momentos de encanto, devidos ao trato fidalgo de D. Manuel Osório de Aragão e ao seu culto bom gosto, marcado, como vimos, na conservação e nos restauros que fez dos melhores elementos arquitectónicos e decorativos, que mantém dignamente naquele recanto nortenho a tradição solarenga.

E não abandonámos a região sem subirmos «ao alto da Senhora da Graça», cujo cimo — onde está uma singela capelinha que todos os anos pela Festa da Ascenção se enche de romeiros — é miradouro de um vasto horizonte, empolgante, dos mais belos que oferece a terra portuguesa, a quem, para regalo do espírito e pela curiosidade de ver, dê um dia para deambular por essas estradas fora.

SANTOS PIRES

FOTOS DE A. MOREIRA

OBRAS DE ARTE DOS SÉCULOS XV E XVI DA ILHA DA MADEIRA, NO MUSEU DE ARTE ANTIGA

Uma das benéficas consequências do XVI Congresso Internacional de História de Arte, foi a apresentação ao público de Lisboa, no Museu Nacional de Arte Antiga, dum valioso conjunto de peças de pintura, escultura, ourivesaria e tapeçaria dos séculos XV e XVI, que fazem parte do património cultural da Ilha da Madeira.

É de elementar justiça salientarmos, antes de mais nada, que o mérito indiscutível das referidas peças foi, desde início e persistentemente, posto em foco pelo Dr. Manuel Cayolla Zagallo, Conservador do Palácio Nacional da Ajuda, que em sucessivos trabalhos de pesquisa e de análise contribuiu, de modo decisivo, para o seu conhecimento e necessária valorização, tendo colaborado nessa obra — a todos os títulos merecedora da gratidão nacional — o mestre pintor-restaurador Fernando Mardel.

Desse conjunto destaca-se, pela sua importância e beleza excepcionais, as tábuas oriundas das oficinas de Bruges e de Antuérpia, nomeadamente os trípticos das Igrejas de S. Pedro, S. Martinho, Socorro, Machico, Ribeira Brava, Ponta do Sol, da Calheta e da Sé. São

Adoração dos Magos. — Volante de um tríptico. Escola flamenga. Séculos XV - XVI — Ribeira Brava, Igreja paroquial.

Imagem de Nossa Senhora da Conceição. Presumível dádiva de D. Manuel à igreja de Machico — Funchal, Sé

estes painéis — na opinião autorizada do Dr. João Couto — , «exemplo da cultura dos madeirenses da época de Quinhentos, que não deixaram de dotar as suas igrejas, mesmo as que ficam em lugares de difícil acesso, com obras de arte de manifesto merecimento», representando, ao mesmo tempo, «uma contribuição até hoje quase desconhecida para o estudo da pintura na Flandres e das relações, tão acentuadas, entre esse país e Portugal no decorrer dos séculos XV e XVI».

A realização deste significativo certame — que se repetirá, segundo nos informam, após o indispensável restauro de alguns painéis — fica-se devendo à compreensiva boa vontade de S. Rev.ª o Senhor D. António Manuel Pereira Ribeiro, Prelado do Funchal, e do Dr. João Figueira de Freitas, Presidente da Junta Geral do Distrito, que autorizaram e facilitaram a deslocação à Metrópole de todas as peças expostas. Este facto não deixou de ser mencionado no breve prefácio do catálogo da Exposição, em que o Dr. Cayolla Zagallo, depois de relatar as diligências empregadas no sentido de se tornarem conhecidos os valores artísticos da Madeira, e de se proceder à sua conveniente beneficiação, diz o seguinte: «Tentou-se ainda criar o ambiente adequado para a organização de Museus de Arte, onde esses valores pudessem estar devidamente acautelados. O nosso objectivo ficou, em parte, atingido pelo interesse que despertou, nas entidades oficiais e nos estudiosos, o conhecimento da existência do importante núcleo artístico madeirense».

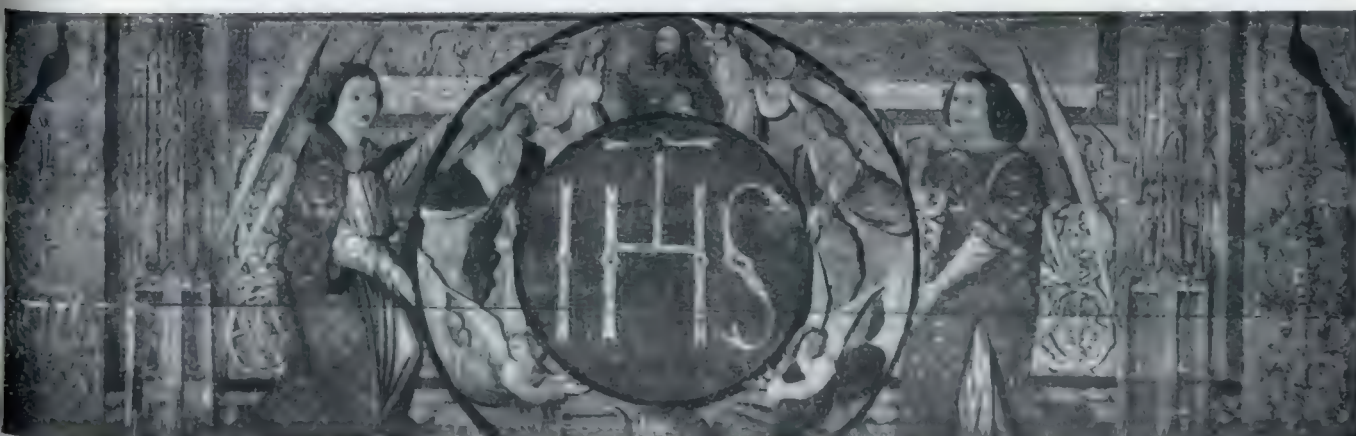
Registemos, ainda, nesta breve nota, a excepcional qualidade das peças de ourivesaria que também figuraram na Exposição, em particular a imponente e preciosa cruz processional da Sé, elaborada por artífices nacionais e oferecida por D. Manuel I.

Finalmente, não devem ser esquecidas, pela sua beleza invulgar, a notabilíssima peça escultórica que é a imagem da N.ª Sr.ª da Conceição, da igreja de Machico, e o tapete persa pertencente ao Convento de Santa Clara, que os visitantes do certame puderam apreciar, durante o passado mês de Abril, no Museu das Janelas Verdes.

A. N.

O Anjo. — Reverso de um dos volantes do tríptico de S. Pedro. Escola flamenga do 1.º terço do Século XVI — Funchal, Igreja de S. Pedro.

Nossa Senhora do Amparo — Escola de Antuerpia. Datado de 1626 (?) — Funchal, Sé.
Monograma de Jesus e Anjos. — Séculos XV-XVI. Pertence ao Ex.mo Sr. Jorge Welch — Funchal, Capela da Consolação.

FOTOS DE MARIO NOVAES

Pormenor do painel do Anjo. — Escola flamenga. Princípio do Seculo XVI — Calheta, Igreja paroquial.

HOTEL DA ERICEIRA

AQUI, neste local, é que ficava bem uma pousada!... Ou então: — *Parece impossível que ainda não haja um bom hotel nesta terra!* — E seguiam-se os comentários, mais ou menos lógicos, óbvios e gratuitos: *O Estado é que devia... A culpa é da rotina... Não há capitalistas com espírito de iniciativa...* etc. Entretanto, de há uns dez anos a esta parte, vem a realidade dos factos contrariando a velha e triste razão de ser das lamentações (tantas vezes justas, mas tidas à conta de pessimismo derrotista), dos que não se conformavam com a inexplicável estagnação da indústria turística no nosso país. Em vários dos tais pontos que dominam deslumbrantes ou aprazíveis aspectos paisagísticos, começaram a aparecer as tais pousadas; em diversas localidades onde se fazia sentir a carência de bons hotéis, esses hotéis foram construídos ou instalados em edifícios convenientes. Não se poderá dizer, ainda, que todo o País já tem, neste capítulo, o apetrechamento devido, atendendo à relevante posição que ocupa no quadro do Turismo europeu, mas já será injusto afirmar-se que estamos, como dantes, desprovidos de condições para alojar condignamente quem se disponha a tomar contacto com a amenidade do nosso clima, com as belezas naturais, com o pitoresco das nossas paisagens variadíssimas, tanto campestres como da beira-mar. O uso da palavra «rotina», tão frequente nas conversas cotidianas dos portugueses,

entrou em declínio, e talvez tenda a desaparecer por completo. Surgem, de quando em vez, construções de vulto, empreendimentos arrojados que animam, que chegam a transformar a vida habitual, *rotineira*, duma região, duma cidade ou duma vila. Dir-se-ia que o ruído provocado pelas obras públicas — em estradas, pontes, barragens, levantamentos de edifícios, restauros de monumentos, etc. — acabou por acordar, pela insistência, a «bela adormecida» que era a iniciativa particular.

Quem fosse, por exemplo, até há bem pouco, à praia da Ericeira, e aí desejasse passar alguns dias ou um simples fim-de-semana, sem ser em casa própria ou alugada «à temporada», só o poderia fazer em condições medíocres de comodidade e passadio. Todavia, no «Guia de Portugal» — cujo diapasão literário não é o exagero propagandístico e, muito menos, a mentira... — lê-se que se trata de «uma linda praia de mar muito azul, onda alterosa, larga orla de arribas, e o ar mais salino, porventura, de todas as praias portu-

O átrio do Hotel da Ericeira e um dos quartos de casal, cuja sobriedade, conforto e asseio se equilibram agradàvelmente.

O bar do Hotel, cuja composição decorativa se harmoniza com o pitoresco da paisagem.

guesas: quando o vento sopra de Oeste, seja qual for o ponto da vila onde poisarmos, sempre nos entra pela boca e pelas narinas a forte respiração do Oceano; e, nos dias mais luminosos, a côr das águas chega a atingir o azul-turqueza...». Quer dizer: impunha-se, ali, a existência de um hotel apetrechado com esse mínimo de condições que todo o turista do nosso tempo, seja nacional ou estrangeiro, está no seu pleno direito de exigir: Asseio, conforto, bom gosto e um tratamento *civilizado*, tanto na alimentação como nos demais serviços a que se destina um estabelecimento desta índole.

É intuitivo que seria um erro crasso pretender instalar ali um hotel-pálace. Nem o modesto carácter da vila nem a limitada população que a frequenta justificavam esse empreendimento, que fatalmente se transformaria de absurdo em ruínoso. A conta certa, a medida justa, foi encontrada pela empresa que se constituíu e abalançou a pôr à disposição do viandante um hotel — já classificado de 1.ª classe — logo à primeira vista atraente e agradável; donde, quem nele se instala por dois ou três dias, deve sair com pena, e alimentando a esperança de poder voltar com mais longa demora.

Assim é o novo Hotel da Ericeira, instalado numa casa antiga, de sóbrias e correctas linhas arquitectónicas. É também louvável o critério que presidiu à sua adaptação, pois se conservaram os painéis de azulejos que revestem algumas das paredes, e foi tirado o máximo partido da posição privilegiada que o edifício ocupa na vila, com um grande alpendre sobre o Atlântico, tendo uma pequena mas excelente praia, para uso privativo dos hóspedes.

O Hotel — cujas decorações foram realizadas por José Espinho — dispõe ainda,

Sobre o mar, junto à praia Sul da Ericeira, o parque e os jardins privativos do Hotel convidam à contemplação e ao repouso.

além dos 16 amplos quartos do interior, alguns anexos na praia, alegremente decorados como cabines de navio, com as *vigias* voltadas para o mar.

É sobre a *Praia do Sul,* — a mais concorrida de banhistas, por disfrutar de melhor situação na encosta — que se debruça a construção, antigamente residência particular de veraneio, e com registo no «Guia de Portugal» como curiosidade notável da vila. O parque e os jardins privativos que circundam o Hotel, convidando à contemplação e ao repouso, são tão densamente arborizados e de tal modo floridos a partir da primavera, que já representam, só por si, motivo de atracção. Assim, por todos os motivos e aspectos, o Hotel da Ericeira merece ser recomendado aos leitores de «Panorama» como um estabelecimento que se esforça por dignificar, sem grandezas exorbitantes nem luxos excessivos, a indústria turística nacional.

ROGÉRIO MENDES

Ao alto: A posição privilegiada que o edifício do Hotel ocupa na vila, dominando a imponente vastidão do Atlântico.

Actualidades Turísticas

A

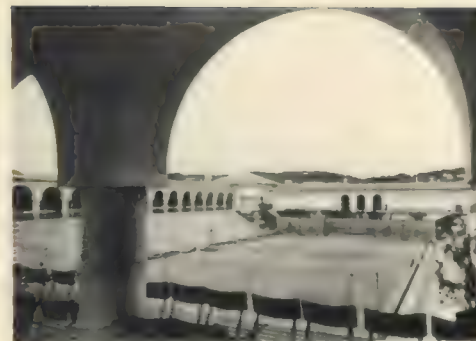
A C. P. E O TURISMO

A importância das condições ferroviárias de um país, no desenvolvimento do seu turismo, é fundamental. Viajar sim, mas viajar bem, é o lema dos turistas do mundo inteiro, dispostos a visitar novas terras e novas gentes, mas sem fugir às comodidades e ao conforto a que estão habituados. Dentro deste espírito salutar, a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses tem realizado uma série de melhoramentos que em muito beneficiarão, não só os seus próprios serviços internos, mas sobretudo os altos

B

C

D

interesses da nação. A estação do Rossio, em Lisboa passou por uma completa remodelação estética, tornando-a mais agradável, arejada, ampla e prática, tornando-se mais acessível ao público. Foi instalada uma «Secção de Informações», decorada e realizada por alguns dos nossos melhores artistas decoradores. Por outro lado, foram adquiridas sessenta novas carruagens metálicas, na Suíça, além das trinta carruagens americanas, das quarenta e seis automotoras, quarenta e uma locomotivas espanholas e americanas, doze tractores e doze locomotivas Diesel-Eléctricas, as primeiras que chegaram à Europa.

E

Com estes benefícios, e com iniciativas turísticas tais como os «expressos populares» e as excursões «Conheça a sua terra», a C. P. tem cumprido largamente a sua obrigação, satisfazendo as aspirações dos cinquenta milhões de passageiros que, anualmente, se utilizam dos seus serviços.

O ESTÁDIO NACIONAL DE TENNIS

O Estádio Nacional de Tennis, situado no vale do Jamor, a dois passos de Lisboa, é hoje, pela sua concepção elegante, pela sua arquitectura moderna a que não faltam as pinceladas de originalidade e de espírito português — um dos melhores do mundo. Não há estrangeiro que nos visite, que não se mostre encantado. E o Estádio ainda tem uma finalidade transcendente: elevar o nível de um desporto que, entre nós, não tem encontrado o desenvolvimento e a expansão que merece. Recentemente, disputou-se neste cenário, que não podia ser mais apropriado, uma eliminatória da famosa taça Davis, entre os grupos da Inglaterra e de Portugal. Embora vencidos, os nossos representantes houveram-se com brio, não destoando do ambiente aprazível que os rodeava.

F

A — Secção de Informações da estação do Rossio em Lisboa. B — Rápida e confortável: uma das auto-motoras de fabrico sueco. C — Eis uma das locomotivas Diesel-Eléctricas. D — A linha elegante e moderna das carruagens metálicas

ERICEIRA — PENSÃO NAZARÉ

A campanha de bom gosto empreendida pelo S. N. I. começou, há muito, a render os seus efeitos. E das Pousadas, que foram, numa ideia feliz, criadas para que a «nossa pequena indústria hoteleira» nelas visse os modelos a seguir, encontram-se já bastos reflexos nos simpáticos pequenos hoteis e nas acolhedoras casas de hospedagem, que seguiram a lição, que por meio delas se quiz dar, e se deu de facto, com os melhores resultados.

A lição, como se desejou, não foi copiada. Foi como se pretendeu, e muito bem, aprendida e desenvolvida. Por isso, iniciativas há, que sem dúvida denotam um carácter próprio e não podem considerar se discípulas, no seu arranjo, das Pousadas oficiais. «Mas seguiram-nas, indiscutivelmente, na ideia da pequena casa acolhedora, sem carácter de hotel, com móveis «diferentes», ambiente «diferente», cozinha «diferente», a hospedagem para todos, mas que mais parece para cada um.

A semente, em tão boa hora lançada à terra, frut ficou largamente. E já é possivel, nos nossos dias, deparar com hoteis, e até pensões, tão bem decoradas, tão «civilizadas» como a pensão Nazaré, na Ericeira. As fotografias que acompanham estas breves notas são eloquentes respiram um tom de elegância íntima, de gosto seguro, que há alguns anos talvez não fosse possível encontrar. De salientar, além do arranjo geral das salas e dos quartos, o pequeno «bar», de inspiração regional, e o feliz aproveitamento das pipas como motivo preponderante.

G H

I J

MIRADOURO DE MONTES CLAROS

Já nos referimos largamente ao esplendido miradouro de Montes Claros, na serra de Monsanto, feliz iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa. Mas o «Miradouro» tem sido melhorado dia a dia, e tornou-se, com o rodar dos meses, um dos passeios favoritos, senão o passeio favorito do povo de Lisboa, cujo gosto é sempre seguro. A fotografia que publicamos mostra o lago, depois de devidamente completado. É de notar a inserção de arbustos e plantas em plena água, o que dá ao lago um aspecto sem dúvida mais natural e mais poético.

A serra de Monsanto continua perdendo, decididamente, o ambiente inhóspito que lhe conhecemos durante largo tempo. A sua transformação vai-se fazendo, norteada pelo plano já traçado. Assim, não se suponha que Montes Claros, com o seu lago e a casa de chá, com as suas sombras acolhedoras e todos os atractivos que possui, é como que o consolador oásis que se alcança penosamente. Não. A obra de conjunto é o Parque Florestal, que está alterando a fisionomia de Monsanto, e será no futuro o magnífico logradouro de Lisboa. O Miradouro de Montes Claros é um dos pormenores. Finalmente, queremos registar, louvando, a iniciativa da «Carris», pelas carreiras de auto-carro que partem da Praça Marquês de Pombal para Montes Claros e para Algés, pela serra de Monsanto.

E — O Estádio de Ténnis. Notem a elegância sóbria das arcadas, e o revestimento de telha «à portuguesa» F — O «bar» do Estadio. Decoração sugestiva — ambiente moderno e confortável. G — Aqui apetece jantar... H — O «bar», típico e característico. I — A sala de estar conforta o corpo — e a alma. J — Alegre e acolhedor; eis um dos quartos de cama.

A página que habitualmente reservamos para os clichés de qualidade invulgar, que foquem assuntos portugueses, — paisagens, monumentos, costumes, etc. — é hoje dedicada ao fotógrafo amador Adelino Lyon de Castro, que pela primeira vez colabora no «Panorama». A bela imagem que reproduzimos — «Fragatas no Tejo» — foi exibida, com agrado dos mais exigentes conhecedores, nos Salões Internacionais de Arte Fotográfica, de Lisboa, Dublin e, recentemente, no «Salon Albert I», de Charleroi, na Bélgica.

BOLETIM DE TURISMO

EDITADO PELO SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO

HÁ que repetir, de vez em quando, o elogio do BAIRRISMO. Não desse bairrismo fechado em si-mesmo, sistemàticamente faccioso — e, por isso, antipático e funesto — , mas do BAIRRISMO positivo e generoso, que não precisa de negar para se afirmar, nem supõe que seja indispensável demolir para construir.

O primeiro, fundamenta a acção no plano instável das rivalidades, regionais ou locais, e é movido, quase sempre, por velhos e estéreis ressentimentos. A origem estrictamente passional desse bairrismo impõe, como alvo a atingir ou meta a alcançar, o êxito efémero, ainda que retumbante, das realizações vistosas e inconsequentes, em vez dos reais e mais prementes interesses da comunidade ou da população.

O segundo, porque se baseia tanto nos imperativos sentimentais como nos da razão, actua no sentido do útil e do perdurável; e, porque prefere o espírito de colaboração ao da rivalidade, serve tanto os interesses da região, da cidade, da vila ou da aldeia em que se confina, como os da comunidade nacional.

É esse BAIRRISMO, verdadeiramente construtivo, que alenta as actividades vitais, que dá impulso a novos e benéficos empreendimentos — ao mesmo tempo que zela amorosamente pela necessária conservação das mais genuínas tradições, dos valores etnográficos e folclóricos, dos costumes e do artesanato. É esse BAIRRISMO, numa palavra, que constitui o espírito e a alma da PROVÍNCIA.

TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

HOTEIS E RESTAURANTES

CHAVES:

Grande Hotel
Pensão Comércio
Pensão Império

MARÃO (Serra do):

Pousada de S. Gonçalo

MIRANDELA:

Pensão Praia

RÉGUA:

Pensão Borges

TORRE DE MONCORVO:

Pensão Reboredo

VILA REAL:

Hotel Tocaio

DIVERSOS

TERMAS:

Caldas de Moledo (*)
Pedras Salgadas (*)
Vidago (*)
Caldas Santas (Carvalhelhos)
Caldas de Chaves
Bem Saúde
Sabroso
Salus (*)

GOLF:

Pedras Salgadas
Vidago

POSTO DE FRONTEIRA:

Vila Verde da Raia — Chaves (Verin)

PRINCIPAIS FESTAS, FEIRAS E ROMARIAS

Em JUNHO:

Vila Real, em 13 — Festas de Santo António.

Em JULHO:

Murça, no 2.° Dom.° — Rom.ª do Senhor dos Aflitos.
Mondim de Basto, de 23 a 25 — Festas de Santiago.

Em AGOSTO:

Mirandela, no 1.° Dom. — Festas de N.ª Sr.ª do Amparo.
Mesão Frio, no 3.° Dom. — Rom.ª de N.ª Sr.ª do Rosário.
Boticas, no 3.° Dom. — Rom.ª da Senhora do Livramento.
Peso da Régua, de 14 a 16 — Festas de N.ª Sr.ª do Socorro.
Bragança, na última semana — Festas de N.ª Sr.ª das Graças.

Em SETEMBRO:

Valpaços, no 1.° Dom. — Rom.ª de N.ª Sr.ª da Saúde.
Santa Marta de Penaguião, no 1.° Dom.
Sabrosa, em 8 — Festa de N.ª Sr.ª do Rosário.

Em NOVEMBRO:

Chaves, a 1 — Feira de Todos os Santos.

MINHO

HOTEIS E RESTAURANTES

BARCELOS:

Pensão Urbano

BRAGA:

Grande Hotel
Hotel Aliança
Hotel Francfort

BRAGA (Bom Jesus):

Grande Hotel do Elevador
Grande Hotel do Parque
Hotel Sul-Americano

FAMALICÃO:

Hotel Garantia
Estação de Serviço «Iris»

GUIMARÃES:

Hotel Jordão
Hotel da Penha
Hotel do Toural

VALENÇA:

Pensão Valenciano

VIANA DO CASTELO:

Hotel Aliança
Hotel Santa Luzia
Restaurante Arcada
Pensão Beira-Mar

DIVERSOS

PRAIAS:

Moledo do Minho (**)
Praia de Âncora (**)
Viana do Castelo
Espozende
Ofir (Fão) (*)
Apúlia

TERMAS:

Caldelas (*)
Gerez (*)
Melgaço (Peso) (*)
Caldas de Monção (*)
Caldas de Vizela (*)
Águas de Grichões
Quinta do Eirogo

PISCINA:

Gerez

GOLF:

Ofir (Fão)

POSTO DE FRONTEIRA:

Valença (Tuy)

★

PRINCIPAIS FESTAS, FEIRAS E ROMARIAS

Em MAIO:

Barcelos, de 2 a 5 — Feira das Cruzes.

Em JUNHO:

Vila Verde, a 13 — Santo António.
Braga, a 23 e 24 — Festas do S. João.
Celorico de Basto, a 25 — Festa de Santiago.

Em JULHO:

Guimarães, no 1.° Domingo — Romaria de S. Torcato.
Fafe, no 2.° Dom. — Rom.ª de N.ª Sr.ª da Misericórdia.

Em AGOSTO:

Valença, no 1.° Dom. — Rom.ª de N.ª Sr.ª da Saúde.
Guimarães, no 1.° Dom. — Romaria de S. Gualter (3 dias).
Terras do Bouro, de 11 a 13 — S. Bento da Porta Aberta.
Espozende, a 15 — Rom.ª da Senhora da Saúde.
Amares, a 15 — Rom.ª da Senhora da Abadia.
Valença, em 14 e 15 — Rom.ª de N.ª Sr.ª de Faro.

Viana do Castelo, na 6.ª feira, sáb. e dom. mais próximos do dia 20 — Festas da Senhora da Agonia.
Ponte da Barca, de 22 a 24.

Em SETEMBRO:

Póvoa de Lanhoso, a 7 e 8 — Rom.ª de N.ª Sr.ª do Porto de Ave.
Ponte de Lima, a 18 e 20 — Festa da Senhora das Dores.
Cabeceiras de Basto, de 20 a 30 — Festas de S. Miguel.
Vila N. de Famalicão, em 28 e 29.

FESTA MÓVEL:

Monção, na 9.ª quinta feira depois da Páscoa — Rom.ª de Corpus Christi.

★

DOURO LITORAL

HOTEIS E RESTAURANTES

AMARANTE:

Hotel Silva

MAIA:

Estalagem do Galo

MARÃO (Serra do)

Pousada de S. Gonçalo

PENAFIEL:

Restaurante Aires

SANTO TIRSO:

Hotel Cidnay
Pensão Tirsense
Pensão Viuva Caroço

PORTO:

Grande Hotel da Batalha
Grande Hotel do Império
Grande Hotel Infante Sagres
Grande Hotel do Porto
Peninsular Hotel
Rest. do Palácio Cristal
Escondidinho

★

DIVERSOS

PRAIAS:

Póvoa de Varzim (*)
Vila do Conde (**)
Matozinhos (**)
Leça da Palmeira (**)
Foz do Douro (*)
Castelo do Queijo (*)
Miramar (**)
Aguda
Granja (*)
Espinho (*)

TERMAS:

Caldas da Saúde (*)
Entre-os-Rios (Torre) (*)
Marco de Canavezes
Termas de S. Vicente
Caldas das Murças

ZONA DE JOGO:

Póvoa de Varzim
Espinho

GOLF:

Espinho
Granja
Miramar

PISCINAS:

Espinho
Granja
Porto

PRINCIPAIS FESTAS, FEIRAS E ROMARIAS

Em JANEIRO:

Feira, a 20 — Festa das Fogaceiras.

Em MAIO:

Felgueiras, no 1.° Dom.—Feira.

Em JUNHO:

Amarante, no 1.° sáb. e dom. — Rom.ª de S. Gonçalo.
Porto, em 23 e 24 — Festas do S. João.
Felgueiras, em 28 e 29 — Festas de S. Pedro.

Em JULHO:

Amarante, no 1.° sáb. — Feira.
Maia, no 2.° dom. — Rom.ª da Sr.ª do Bom Despacho.

Em AGOSTO:

Lousada, de 13 a 15 — Rom.ª da Senhora da Aparecida.
Vila N. de Gaia, a 15 — Rom.ª da Senhora do Pilar.
Póvoa do Varzim, a 15 — Festas da N.ª Sr.ª da Assunção.
Paços de Ferreira, a 15 — Rom.ª de N.ª Sr.ª do Pilar.
Arouca, de 22 a 24 — Festas de S. Bartolomeu e Santa Mafalda.
Baião, em 23 e 24 — Festas de S. Bartolomeu.

Em SETEMBRO:

Castelo de Paiva, a 15 e 16 — Rom.ª de St.ª Eufémia.
Espinho, no 3.° dom. — Festas de N.ª Sr.ª da Aguda.

Em OUTUBRO:

Gondomar, no 1.° Dom.—Rom.ª da Senhora do Rosário.

FESTAS MÓVEIS:

Valongo, no 7.° Dom. depois da Páscoa — Rom.ª de St.ª Justa.
Penafiel, no dia do Corpo de Deus.
Matozinhos, na 5.ª feira da Ascenção — Rom.ª da Senhora da Hora.
Vila N. de Gaia, oito semanas depois do Dom. de Páscoa — Rom.ª do Senhor da Pedra.

BEIRA ALTA

HOTEIS E RESTAURANTES

ABRUNHOSA-A-VELHA:
Hotel Mira-Serra

CELORICO DA BEIRA:
Pensão Ermitério

GUARDA:
Hotel do Turismo
Restaurante «A Madrilena»
Leitaria Cristal

MANGUALDE:
Pensão Beira Alta
Pensão Central

SANTA COMBA DÃO:
Pensão Ambrósia
Pensão Cruz

SERRA DA ESTRÊLA:
Pousada de S. Lourenço (nas Penhas Douradas)

VISEU:
Hotel Avenida
Hotel Portugal
Restaurante Bocage

VOUZELA:
Hotel Mira-Vouga
Hotel Vouzelense

DIVERSOS

TERMAS:

Caldas de Aregos (*)
Caldas da Felgueira (*)
S. Pedro do Sul (*)
Termas do Carvalhal
Caldas da Cavaca
Manteigas (*)
Caldas do Cró
Urgeiriça (Canas de Senhorim) (*)

GOLF:

Canas de Senhorim

PISCINAS:

Canas de Senhorim
S. Pedro do Sul

DESPORTOS DE INVERNO:

Serra da Estrela

POSTO DE FRONTEIRA:

Vilar Formoso (Fuentes d'Oñoro)

PRINCIPAIS FESTAS, FEIRAS E ROMARIAS

Em MAIO:

Lamego, no último Dom. — Rom.ª da Sr.ª dos Remédios.

Em JUNHO:

Pinhel, em 13 — St.º António.
Guarda, de 23 a 25 — Festas do S. João.

Em AGOSTO:

Vouzela, Sáb. e Dom. 5 — Festas da Vila.
Gouveia, na 2.ª semana (5 dias) Rom.ª do Senhor do Calvário.
Castro Daire, a 15 — Rom.ª da N.ª S.ª da Soledade.

EM OUTUBRO:

Fornos de Algodres, no 3.º Dom. de N.ª S.ª da Saúde.

Em NOVEMBRO:

Mangualde, a 1 — Feira de Todos os Santos.

FESTAS MÓVEIS:

S. Pedro do Sul, na 5.ª feira da Ascenção — Romaria.

Celorico da Beira, 7.º Domingo depois da Páscoa — Rom.ª do Espírito Santo.

Oliveira do Hospital, no Triduo do Espírito Santo (3 dias antes e no Dom.) — Rom.ª da Senhora das Preces.

★

BEIRA BAIXA

HOTEIS E RESTAURANTES

CASTELO BRANCO:
Hotel do Turismo
Hotel Lusitânia
Café Rest. Arcádia

COVILHÃ:
Neve Hotel
Casa da Viuva Costa
Café Rest. Central
Serra da Estrela Hotel (nas Penhas da Saúde)

DIVERSOS

TERMAS:
Monfortinho (*)
Caria (Radium)
Unhais da Serra
Alardo

DESPORTOS DE INVERNO:
Serra da Estrela

POSTO DE FRONTEIRA:
Segura (Piedras Albas)

PRINCIPAIS FESTAS, FEIRAS E ROMARIAS

Em JULHO:
Covilhã, de 22 a 25 — Festas da Cidade.

Em AGOSTO:
Oleiros, no 2.º Dom. — Festas de St.ª Margarida.
Sertã, a 15 e 16 — Rom.ª da Senhora dos Remédios.
Castelo Branco, a 30 — Feira.

Em SETEMBRO:

Sertã, em 7 e 8, — Romaria da S.ª da Confiança.

FESTA MÓVEL:

Idanha-a-Nova, 15 dias depois da Páscoa — Rom.ª à Senhora do Almotão.

RIBATEJO

HOTEIS E RESTAURANTES

SANTARÉM:

Hotel Abidis
Hotel Central

TOMAR:

Hotel União
Rest. Parque Mouchão

VILA FRANCA DE XIRA:

Rest. Reunião dos Bons Amigos

DIVERSOS

TERMAS:

Mouchão da Póvoa

A FEIRA DOS TABOLEIROS, em fins de Junho ou começo de Julho, de 4 em 4 anos, na cidade de Tomar, é das mais características festas populares.

★

PRINCIPAIS FESTAS, FEIRAS E ROMARIAS

Em MAIO:
Cartaxo, de 1 a 3 — Feira de Maio.
Golegã, no 1.º Dom. — Feira.

Em JUNHO:
Alcanena, a 29 — Festas do S. Pedro.

Em JULHO:
Vila Franca de Xira, no 2.º Dom. — Festas do Colete Encarnado.

Em AGOSTO:

Coruche, em 15 — Rom.ª de N.ª S.ª do Castelo
Ponte do Sor, em 15 — Rom.ª de N.ª S.ª dos Prazeres.

Em OUTUBRO:

Vila Franca de Xira, no 1.º Dom. até 5.ª feira — Feira de Outubro.
Santarém, no 2.º Dom. — Feira da Piedade (8 dias).

BEIRA LITORAL

HOTEIS E RESTAURANTES

ALBERGARIA-A-VELHA:
Pensão Rest. Albergaria

AVEIRO:
Hotel Arcada
Restaurante Moderno

BUÇACO:
Palace Hotel
Miradouro do Buçaco

COIMBRA:
Hotel Astória
Hotel Avenida
Coimbra Hotel
Hotel Mondego
Rest. Santa Cruz

LEIRIA:
Hotel Liz
Rest. Santiago

OLIVEIRA DE AZEMEIS:
Pensão Café Rádio

POMBAL:
Pensão Pombalense

SERÉM:
Pousada de St.º António

DIVERSOS

PRAIAS:
Furadouro
Torreira
Costa Nova
Buarcos (**)
Figueira da Foz (*)
Pedrógão
Vieira

TERMAS:
Caldas de S . Jorge
Curia (*)
Luso (*)
Monte Real (*)
Termas Salgadas da Batalha
Bicanho
Amieira
Vale da Azenha

GOLF:
Buçaco

PISCINAS:
Luso
Curia
Coimbra

ZONA DE JOGO:
Figueira da Foz

PRINCIPAIS FESTAS, FEIRAS E ROMARIAS

Em MAIO:

Coimbra — Queima das Fitas.

Em JUNHO:

Figueira da Foz, a 24 — Festas do S. João.

Em JULHO:

Coimbra, na 1.ª semana — Festas da Rainha Santa Isabel (só nos anos pares).
Soure, em 25 — Festas de Santiago.
S. João da Madeira, nos últimos Sáb. e Dom. — Festas Sebastianinas.

Em AGOSTO:

Oliveira de Azemeis, no 2.º Dom. — Festas de N.ª S.ª de La Sallete.
Vale de Cambra, de 13 a 15 — Rom.ª da Senhora da Saúde.
Batalha, a 14 — Comemorativa da Batalha de Aljubarrota.
Leiria, no 3.º Dom. — Rom.ª de N.ª S.ª dos Milagres.
Albergaria-aVelha, no 3.º Dom. — Rom. de N.ª S.ª do Socorro.

Em SETEMBRO:

Gois, no 2.º Dom. — Festa do Castelo.
Ovar, no 2.º ou 3.º Dom. — Festa do Mar, na praia do Furadoiro.
Murtosa, em 7 e 8 — Rom.ª de S. Paio da Torreira.
Pombal, em 7 e 8 — Festa de N.ª S.ª dos Milagres.

FESTAS MÓVEIS:

Buçaco, Rom.ª na 5.ª feira da Ascenção.
Vagos, na 2.ª feira do Espírito Santo — Rom.ª à Ermida da Senhora de Vagos.
Montemor-o-Velho, 2.ª feira do Espírito Santo — Rom.ª de N.ª S.ª do Destino.

ESTREMADURA

HOTEIS E RESTAURANTES

ALCOBAÇA:
Hotel Rest. Bau
Rest. Trindade

ALFEIZERÃO:
Pousada de S. Martinho

AZEITÃO:
Quinta das Torres

BUCELAS:
Restaurante «O Carlos»
Restaurante Quitério

CACILHAS:
Rest. Flor do Ginjal

COLARES:
Restaurante Camarão

LISBOA:
Ver Guia de Hotéis e Pensões

MAFRA:
Pensão Duarte

SETÚBAL:
Restaurante Clube Naval
Restaurante Bocage

SINTRA:
Estalagem de Penaferrim
Hotel Central
Hotel Costa
Hotel Nunes
Hotel Costa
Pensão St.ª Margarida

TORRES VEDRAS:
Hotel Central

PRAIAS E TERMAS

PRAIAS:

S. Pedro de Muel
Nazaré (**)
S. Martinho do Porto (**)
Foz do Arelho
Baleal
Peniche
Areia Branca
Santa Cruz
Ericeira (**)
Praia das Maçãs (**)
Adraga (**)
Guincho
Cascais (*)
Costa do Sol (Estoris) (*)
S. Pedro, Parede, Carcavelos, St.º Amaro de Oeiras, etc. (**)
Costa da Caparica (*)
Sesimbra
Portinho da Arrábida
Setúbal (*)

TERMAS:

Caldas da Rainha (*)
Cucos (*)
Estoril (*)
Piedade (Alcobaça)
Santa Marta (Ericeira)
Águas Santas do Vimeiro
Alcaçarias do Duque (Lisboa)
Banhos de S. Paulo (Lisboa)

★

PRINCIPAIS FESTAS, FEIRAS E ROMARIAS

Em MAIO:

Sesimbra, de 3 a 5 — Feira do Senhor Jesus das Chagas.

Em JUNHO:

Almada, de 23 a 25 — Festas do S. João.
Sintra, a 29 — Feira de S. Pedro.

Em AGOSTO:

Arruda dos Vinhos, de 14 a 16 — Festas de N.ª S.ª da Salvação.
Caldas da Rainha, de 15 a 17 — Feira de Agosto.
Belas, no último Dom. — Rom.ª do Senhor da Serra.
Montijo, no último Dom. — Rom.ª da Senhora da Atalaia.

Em SETEMBRO:

Alcochete, no 1.º Dom. — Festas do Barrete Verde.
Nazaré, de 7 a 15 — Festas da N.ª S.ª da Nazaré.

Em OUTUBRO:

Peniche, no 3.º Dom. — Rom.ª dos 3 Círios.
Mercês, no 3.º e 4.º Dom. — Feira das Mercês.

DIVERSOS

GOLF:
Estoril
Carcavelos
Lisboa (Tapada da Ajuda)

PISCINAS:
Estoril
Lisboa (Algés)

ZONA DE JOGO PERMANENTE:
Estoril

AS FESTAS DA SENHORA DA NAZARÉ, realizam-se na 3.ª terça feira ou 3.º sábado de Setembro, todos os anos, sucessivamente em cada uma das 13 freguesias do concelho de Mafra e em 4 do de Sintra. Festa religiosa, que por se efectuar de 17 em 17 anos na mesma freguesia, é cheia de solenidade, especialmente o «círio» que conduz a Imagem de uma freguesia para outra.

AS FESTAS DA SENHORA DO CABO, no 3.º ou 4.º domingo de Setembro, todos os anos sucessivamente em 26 freguesias de Lisboa e concelhos limítrofes. O «círio» que transporta a Imagem de uma freguesia para outra é cheio de luzimento e constituído segundo um protocolo especial.

ALTO ALENTEJO

HOTEIS E RESTAURANTES

ELVAS:
Pousada de St.ª Luzia
Hotel Alentejo

ESTREMOZ:
Palace Hotel
Café Alentejano

ÉVORA:
Hotel Alentejano
Café Arcada
Café Gião
Harmonia Club

PORTALEGRE:
Pensão Vinte e Um
Quinta da Saúde

VILA VIÇOSA:
Pensão Lisboeta

DIVERSOS

TERMAS:

Castelo de Vide (*)
Cabeço de Vide

TIRO AOS PRATOS E AOS POMBOS:

Stands em:
Elvas
Évora
Souzel
Montemór-o-Novo

POSTO DE FRONTEIRA:

Caia-Elvas (Badajoz)

PRINCIPAIS FESTAS, FEIRAS E ROMARIAS

Em MAIO:

Crato, a 1 — Feira.
Portalegre, a 1 — Festa dos Aventais.
Estremoz, de 8 a 10 — Feira de Maio.

Em JUNHO:

Évora, de 24 a 27 — Feira de S. João.

Em AGOSTO:

Aviz, no 4.º Dom. — Rom.ª de N.ª S.ª Mãe dos Homens.

Em SETEMBRO:

Gavião, no 1.º Dom. — Rom.ª de N.ª S.ª das Necessidades.
Campo Maior, no 1.º Dom.
Vila Viçosa, no 2.º Dom. — Rom.ª do Senhor da Piedade dos Capuchos (3 dias).
Elvas, de 20 a 24 — Rom.ª do Senhor Jesus da Piedade.
Elvas, de 19 a 25 — Feira de S. Mateus.

Em NOVEMBRO:

Estremoz, a 30 — Feira de Santo André (3 dias).

Em DEZEMBRO:

Crato, a 8 — Festas de N.ª S.ª da Conceição.

BAIXO ALENTEJO

HOTEIS E RESTAURANTES

BEJA:
Hotel Rocha

ODEMIRA:
Pensão Faustino

SANTIAGO DO CACEM:
Pousada de Santiago

DIVERSOS

PRAIAS:
Sines (**)
Vila Nova de Milfontes

TERMAS:
Moura

GOLF:
Mina de S. Domingos (Mértola)

PRINCIPAIS FESTAS, FEIRAS E ROMARIAS

Em AGOSTO:

Beja, de 5 a 17 — Feira de Agosto.
Sines, a 15 — Feira.

Em SETEMBRO:

Odemira, em 7 e 8 — Rom.ª N.ª S.ª da Piedade.

Em OUTUBRO:

Moura,, de 4 a 6 — Festas de N.ª S.ª do Carmo.

★

ALGARVE

HOTEIS E RESTAURANTES

FARO:

Hotel Aliança
Pensão Rest. Sota
Pensão «Cabaz da Fruta»
Pensão Vitorino

PORTIMÃO:

Pensão Central

S. BRÁS DE ALPORTEL:

Pousada de S. Brás

VILA R. DE ST.º ANTÓNIO:

Hotel Guadiana

DIVERSOS

PRAIAS:
Lagos
Praia da Rocha (*)
Carvoeiro
Armação de Pera
Albufeira (**)
Quarteira
Monte Gordo (*)
Cacela

TERMAS:
Caldas de Monchique (*)

GOLF:
Praia da Rocha

POSTO DE FRONTEIRA:
Vila R. de St.º António (Ayamonte)

PRINCIPAIS FESTAS, FEIRAS E ROMARIAS

Em AGOSTO:

Albufeira, a 14 — Rom.ª de N.ª S.ª da Orada.
Castro Marim, a 14 e 15 — Rom.ª de N.ª S.ª dos Mártires.
Loulé, de 29 a 31 — Feira.

Em SETEMBRO:

Lagoa, a 8 — Rom.ª da Senhora da Luz.

Em OUTUBRO:

Faro, em 20 e 21 — Feira.
Silves, em 31 — Feira.

Em DEZEMBRO:

Olhão, a 8 — Festa de N.ª S.ª do Rosário.

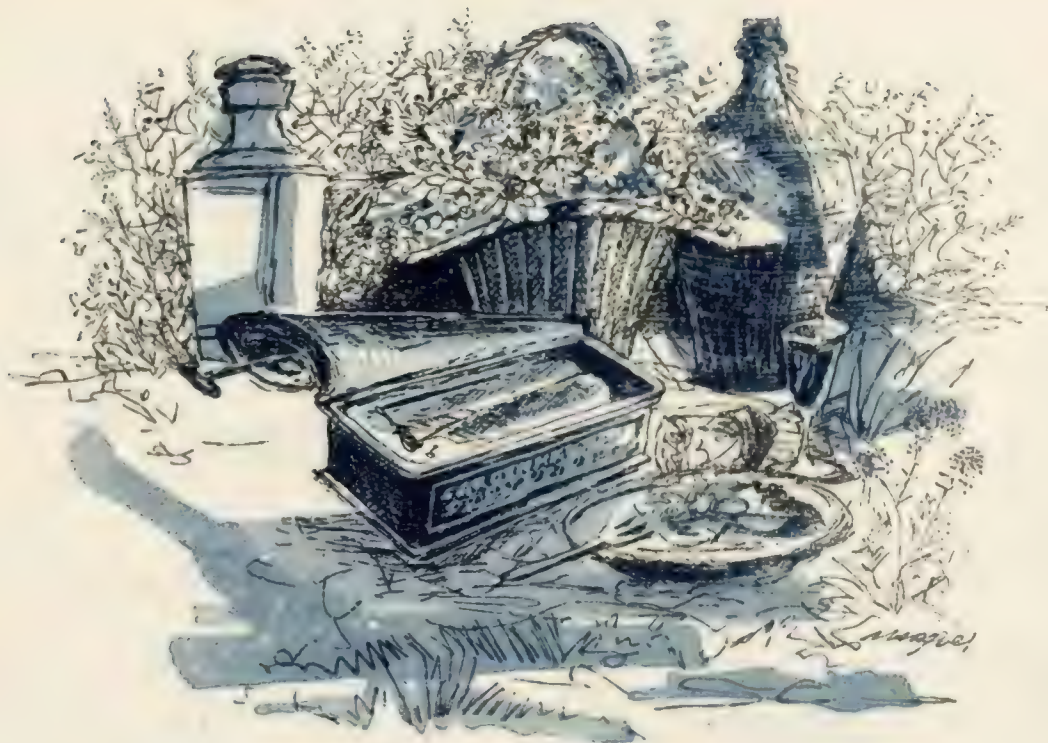
FESTA MÓVEL:

Loulé, no 2.º Dom. depois da Páscoa — Rom.ª de N.ª S.ª da Piedade.

★

(*) TERMAS DE GRANDE FREQUÊNCIA E PRAIAS CLASSIFICADAS DE PRIMEIRA CLASSE.

(**) PRAIAS CLASSIFICADAS DE SEGUNDA CLASSE.

EM TODAS AS PRAIAS E TERMAS, SEGUNDO A SUA IMPORTÂNCIA, HÁ BONS HOTÉIS, PENSÕES E RESTAURANTES.

SARDINHAS PORTUGUESAS DE CONSERVA

COMO COSINHÁ-LAS? COMO COMÊ-LAS?

I

SARDINHAS de conserva? E porque não? Se é certo que uma lata de sardinhas usual produz seiscentas calorias, isto é, quatro vezes maior alimento do que um bife vulgar de cento e sessenta gramas (cento e sessenta calorias), não é menos verdadeiro que as sardinhas de conserva, quando convenientemente preparadas, podem ser uma forma de alimentação ideal, pelo gosto inconfundível e saborosíssimo que têm, sobretudo as portuguesas.

Não afirmamos isto por um desvio «culinário» do orgulho patriótico... A verdadeira sardinha — porque existe uma falsa sardinha — é a espécie ictiológica conhecida pelo nome latino de «Clupêa Pilchardus», e vive apenas, pràticamente, nas costas de França, Espanha e Portugal. Distingue-se da espécie «Clupêa Sprattus», por ter a carne muito mais saborosa. E tem a carne mais saborosa em Portugal — invocamos aqui o velho compêndio de pesca de Baldaque da Silva (1), porque, sobretudo no Norte e na Costa do Algarve, a natureza mariscosa do fundo do mar se presta à melhor alimentação do peixe. Além disso, atestam em favor das sardinhas portuguesas de conserva, dois factos irrefutáveis: o escolher-se exclusivamente peixe de verão, e a excelente qualidade do azeite empregado, devido aos grandes progressos verificados, nos últimos anos, pela indústria oleícola portuguesa, quer no tratamento da azeitona na árvore e no lagar, quer nos processos de refinação do azeite.

---

(1) *O Estado actual das pescas em Portugal*, por A. A. Baldaque da Silva — Lisboa, — 1892.

Sardinhas Portuguesas

Há ainda quem não acredite na excelência do gosto e nas qualidades incomparáveis das conservas de peixe — ou não se tenha habituado a elas. E, todavia, a conserva dos alimentos vem das épocas mais remotas, num constante desenvolvimento de processos, que hoje, entre nós, se aproxima da perfeição. Primitivamente, empregava-se a secagem, a fumagem e a congelação, conforme as regiões. Depois, usou-se o azeite, o vinagre, o álcool, o açúcar, o sal. Porém, só em 1809, com a descoberta de Nicolas Appert, as conservas foram preparadas em recipientes fechados, dando-se início à industrialização. A aplicação do método às conservas de peixe foi realizada, as opiniões divergem, por Colin, Blanchard, ou Careillon. Seja como for, a primeira fábrica de conservas de peixe portuguesa foi estabelecida em 1865, em Vila Real de Santo António, e destinava-se ao fabrico do atum em azeite. Quanto à conserva de sardinhas, só teve início em 1880, em Setúbal, e desenvolveu-se logo extraordinàriamente, aproveitando uma crise de pesca em França. É, aliás a luta comercial com este país que caracteriza a história das conservas de sardinha em Portugal.

Em 1884, laboravam entre nós 18 fábricas. Em 1886, 66. Em 1896, 76. Em 1911 atingimos, pela primeira vez, o milhão de caixas, na nossa exportação. Em 1919, o segundo milhão. Em 1924, existiam em Portugal 400 fábricas de conserva. Actualmente (1), *contam-se cerca de 240 fábricas, trabalhando para elas 23.000 operários. A exportação de conservas de sardinha foi de 30.000 toneladas em 1938, 40.000 em 1939, e quase 50.000, em 1941. Trata-se, como se vê, de uma das mais importantes indústrias portuguesas, fonte de riqueza do país, que dá, ao mesmo tempo, trabalho a milhares e milhares de braços, desde os pescadores aos operários.*

Urge proteger, estimular, fomentar cada vez mais o seu desenvolvimento. Mas não basta a exportação que, devido às restrições em vigor em certos países estrangeiros, como à inferioridade das suas moedas em relação à nossa, nem sempre pode atingir o volume ideal. Vamos também nós, portugueses, consumir sardinhas de conserva! O que falta é que as saibamos comer, pois, como qualquer outro alimento, elas são susceptíveis de se apresentarem sob as mais variadas formas, sob os mais diferentes gostos — conforme as receitas empregadas, claro está. Querem experimentar, leitores? Aprendam a comer sardinhas de conserva!

(Continua no próximo número)

(1) Estes números dizem respeito a 1941, e foram obtidos num notável trabalho do Dr. Orlando Ribeiro, para o Boletim «Portugal», do S. N. I.

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES

Três livros de António Ferro sobre «Política do Espírito»

Subordinadas ao título geral de «Política do Espírito», foram editadas pelo S. N. I. três brochuras que inserem os discursos proferidos por António Ferro, em épocas diferentes e circunstâncias várias, sobre temas e problemas respeitantes à múltipla actividade cultural do organismo que dirige. Esses volumes, ilustrados com flagrantes documentos fotográficos, intitulam-se, respectivamente: «Turismo — Fonte de Riqueza e de Poesia», «Museu de Arte Popular» e «Apontamentos para uma Exposição».

Os diversos capítulos que os constituem, dão ao leitor uma ideia nítida do que tem sido a acção desenvolvida pelo S. N. I., em sucessivas e laboriosas etapas, no sentido de bem servir o País — sem exceder o âmbito da missão que a orgânica do Estado lhe define — com realizações e empreendimentos que se objectivaram em obras palpáveis, melhorias evidentes e incentivos fecundos.

Esse documentário das actividades a que António Ferro vem consagrando, desde há quinze anos, o melhor da sua inteligência, da sua imaginação, do seu entusiasmo e do seu esforço, será completado com a próxima publicação de mais três volumes: — «Bailados Verde-Gaio», «Prémios Literários e Artísticos», e «Teatro, Cinema e Rádio».

Tapetes da Serra da Estrela

É digna de louvor e de estímulo, pela qualidade e bom gosto da factura, a produção industrial dos tapetes da Serra da Estrela, artìsticamente dirigida pelo pintor António Lopes, residente na Covilhã. Com os elementos regionais, os mais abundantes e os melhores do País (pois a Covilhã é o nosso principal centro das indústrias da lã, com mais de setenta por cento da produção nacional), com a magnífica lã da Serra e a tinturaria tradicional, iniciou, há pouco, António Lopes, esta nova indústria, lògicamente inspirada nos motivos ornamentais da região — como são os das famosas colchas de Castelo Branco.

Os seiscentos metros quadrados de tapeçaria artística executados para o magnífico Hotel Astória de Monfortinho; o notável tapete — recentemente exposto na Capital — que foi oferecido ao Négus da Abissínia pela Câmara Municipal da Covilhã, como homenagem a Pero da Covilhã, e ainda a excelente série de pequenos tapetes e tapeçarias já produzidos naquela cidade, são claras provas da competência com que o citado artista orienta e valoriza este novo e já florescente ramo da nossa indústria regional.

A Figueira da Foz vai ter um Grande Hotel

Começaram, há poucas semanas, os trabalhos da construção do Grande Hotel-Palace, que a Figueira da Foz ficará a dever à sociedade proprietária do Casino Peninsular.

O novo hotel, que terá mais de 100 quartos e apartamentos, é um vasto edifício, com cinco pavimentos, ligado à futura e monumental Piscina Recreio Praia da Claridade, também já iniciada. Fica provido de três elevadores, salões de estar, de fumo, sala de leitura, gabinete de escrever, tabacaria, florista, cabeleireiro, barbearia, salão de jogos, e «bar»; refeitório para crianças dos hóspedes, e muitas outras dependências confortáveis. O Grande Hotel-Palace, situado nos terrenos marginais da praia, no melhor local da Avenida dr. Oliveira Salazar, em frente ao Oceano, representa, como é óbvio, um empreendimento arrojado, mas que corresponde à categoria turística, de fama internacional, da Figueira da Foz.

O Cinema Ambulante e a sua acção em 1948

Uma das mais interessantes e eficientes campanhas de divulgação cultural promovidas e realizadas, sistemàticamente, pelo S. N. I., tem sido a de fazer exibir nas povoações provinciais distantes dos centros urbanos numerosos filmes de carácter artístico e instrutivo.

Assim, no ano de 1948, desde 5 de Agosto a 24 de Novembro, o Cinema Ambulante realizou 81 sessões em outras tantas localidades dos distritos de Coimbra, Aveiro, Porto, Braga, Viana do Castelo, Vila Real e Bragança.

A assistência a estes espectáculos — que pelo seu elevado número bem demonstra o interesse que a missão cultural do cinema ambulante do Secretariado desperta nas populações que percorre — foi de 116.404 pessoas.

Reabriu a fronteira de Segura

No artigo que dedicámos (no número 36-37) ao magnífico Hotel Astória, de Monfortinho, lembrávamos a conveniência de ser reaberta a fronteira de Segura, dado que grande parte da clientela da estância é constituída por espanhóis, e atendendo ao facto de toda a região fronteiriça das Beiras — tão rica de valores turísticos — ficar agora a beneficiar desse importante melhoramento.

Essa conveniência foi, em boa hora, reconhecida por quem de direito e, para comemorar a reabertura da fronteira, realizou-se recentemente um banquete de confraternização nas Termas de Monfortinho, no fim do qual se trocaram expressivos discursos entre as autoridades de Cáceres e de Castelo Branco.

«Panorama» regista

★ A recente publicação da interessante colectânea: «Lugares selectos de Autores Portugueses que escreveram sobre o Arquipélago da Madeira», criteriosamente organizada pelo nosso colaborador Cabral do Nascimento, e editada pela Delegação de Turismo da Madeira.

★ O êxito das festas de «Maio Florido», no Porto, promovidas e realizadas pelo S. N. I., e nas quais este ano colaboraram, além de numerosos artistas portugueses, os admiráveis intérpretes do folclore brasileiro Mara e Waldemar Henrique.

★ A excelente organização e a maneira brilhante como foi cumprido o programa do XVI Congresso Internacional de História de Arte.

★ O interesse despertado pela «Semana das Rosas», na Curia, sob a iniciativa do Pálace-Hotel dessas termas.

Esta imponente paisagem, que foi cenário da histórica batalha do Vimeiro, com a recente inauguração do Hotel das Termas, acaba de ser descoberta para o turismo nacional

AS TERMAS DO VIMEIRO

Os fins de semana repousantes e reparadores tornaram-se já necessidade constante, pela acção benéfica que exercem como reconstituintes do organismo, depauperado pelo desgaste imposto pelo ritmo extenuante da vida moderna.

Porém, a busca do local que proporcione o ansiado repouso, realmente compensador, onde se alcance um ambiente de conforto, que seja simultâneamente regalo do corpo e do espírito, nem sempre se apresenta de solução fácil, pela hesitação na preferência a dar.

No entanto, quantos lugares há, reunindo condições excepcionais, e portanto fáceis de preferir, que por mal conhecidos, jazem injustamente quase ignorados para o turismo.

Este é o caso das Termas do Vimeiro, aqui perto de Lisboa, na região de Torres Vedras, onde recentemente se inaugurou um hotel. Por que não se julgue, que ali o único atractivo é a eficácia das suas Águas Santas afamadas.

A fuga que habitualmente conduz a um fim de semana em qualquer local, onde se espera encontrar a comodidade e o prazer de estar, se for dirigida para lá não será frustada. Realmente, aquele recanto estremenho, pouco divulgado no encanto da sua beleza paisagistica, prende pelas maravilhosas condições naturais que oferece como atractivo turístico e pela sensação de bem-estar que se disfruta no seu simpático hotel.

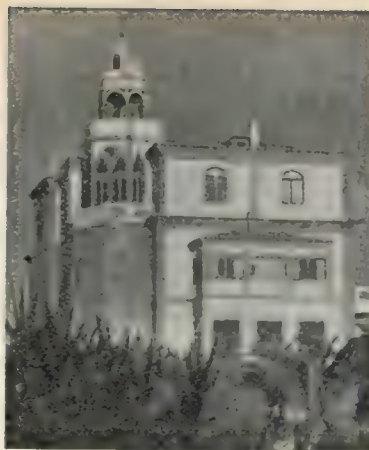
Necessàriamente que o seu melhor cartaz, o que ali é primacial, é a excelência das águas — as Águas Santas, cuja tradição acompanhando o nome da Rainha Santa Izabel, recentemente se avivou pela devoção que lhe votam os doentes que anualmente gozam dos seus benefícios. Mas se as Termas do Vimeiro teem o nome feito, com os bons resultados colhidos no uso das suas águas, o mesmo não sucede à estância de turismo e repouso que o Vimeiro também é, sem dúvida alguma, pela beleza da paisagem acidentada, pelo ambiente sossegado, de ar puro e fresco, tonificante, pela magnífica praia oceânica que lhe fica a dois quilómetros, enfim, pelo conjunto extraordinário de todos os seus dons naturais.

A Armando Lucena, que ao estudo da paisagem portuguesa tem dedicado o seu labor de artista, mereceu o Vimeiro estas palavras: «... na base dum altíssimo rochedo, encontra-se a milagrosa fonte das Águas do Vimeiro, comprimida numa garganta ciclópica, verdadeira mansão de sonho que sòmente os pincéis de Turner poderiam imaginar. O lugar acha-se quase escondido no fundo dessa garganta ciclópica que a nossa vista contempla pasmada e comovida pela surpresa do espectáculo.»

AVIZ HOTEL

LISBOA

Na Av. Fontes Pereira de Melo, é o único hotel de luxo de Lisboa. Esplêndidas instalações providas de todas as comodidades modernas e um ambiente de requintado bom gosto e distinção.

* * *

HOTEL BELA VISTA

PRAIA DA ROCHA

Hotel dotado de modernas e confortáveis instalações. Rodeado de jardins e parque, está junto ao mar e tem comunicação privativa com a praia. Salas de visitas, bridge e bar. Das suas janelas e terraços admiram-se vastos panoramas. Telefone: 103.

* * *

PALACE HOTEL

BUÇACO

Situado no meio da formosa mata do Buçaco. Classificado de Hotel Monumento, é o melhor de Portugal e um dos melhores do mundo. Instalações de luxo e arte.

* * *

PANORAMA

RECOMENDA AOS SEUS LEITORES ESTES HOTÉIS, PENSÕES E RESTAURANTES

PALÁCIO HOTEL

ESTORIL

Hotel luxuoso, de confortáveis instalações de ambiente moderno. Tem magnífica situação, e fica próximo da Praia, do Golf, Tennis e do Casino. Telef.: Estoril, 400.

* * *

POUSADA DE SANTO ANTÓNIO

SEREM

No Vale do Vouga, junto da estrada de Lisboa ao Porto. Os avisos de chegada e também quaisquer perguntas, fazem-se telefonando para: Albergaria-a-Velha, 30.

HOTEL TURISMO

GUARDA

A Guarda, à entrada da Serra da Estrela, é a cidade que recebe quem passa a fronteira por Vilar Formoso. O seu Hotel de Turismo dá o necessário repouso a quem vem de viagem e as comodidades precisas aos turistas que fiquem de visita à região.

* * *

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES

Um programa cultural de grande alcance turístico

O Instituto Histórico de Sintra vai executar, em breve, um vasto programa cultural que irá, sem dúvida, atrair a esse admirável Centro turístico milhares de pessoas, e para o qual obteve já — segundo nos informam — a promessa de poder utilizar os palácios de Queluz, da Pena e da Vila.

A feliz iniciativa, do presidente do Município local, compreenderá diversas exposições de artes plásticas, de fotografias de amadores e de plantas ornamentais e flores; conferências sobre história, arte, etnografia, paisagem e botânica; concertos de música de câmara, música do século XVIII, um serão romântico no Palácio Nacional da Pena, com execução de música da época Fernandina, e a representação da peça «Quinas de Portugal», de Tirso de Molina, junto do Paço da Vila.

«O País transforma-se»

Apraz-nos registar e aplaudir, neste número de PANORAMA especialmente dedicado à Província Portuguesa, o editorial de «O Século» do dia 21 de Maio, em que é focada, nos mais claros termos, a evidência dos progressos efectuados nos últimos vinte anos, de norte a sul do nosso continente. Eis os primeiros períodos desse artigo:

«Quem percorrer o País e seja portador de uma curiosidade suficientemente desperta para poder apreender tudo o que de interessante possa ser surpreendido pelos seus olhos ávidos de novidades, verificará que a transformação que se tem operado por toda a parte é, sob certos aspectos, prodigiosa. Onde vai aquele marasmo que parecia invencível, no qual se afogavam as mais belas iniciativas, sem que um salutar arrepio de vida, ainda que ao de leve, o agitasse e perturbasse? Já não se dá por ele. É ler os jornais com atenção e boa-fé: São colunas e colunas de notícias anunciando a inauguração dos mais variados melhoramentos, que vão desde a luz eléctrica, em aldeias quase ignoradas, à escola primária, durante anos e anos prometida; à fonte pública, suprema aspiração de povoações sem água; à estrada e ao caminho vicinal — a tudo, enfim, quanto representa progresso e facilidades de viver para os povos que não podem trabalhar com a assiduidade requerida sem que lhes protejam as actividades e os ajudem a cumprir a sua missão».

Nas Caldas da Rainha inaugurou-se a época termal

No dia 15 de Maio a cidade das Caldas esteve em festa, atraindo milhares de forasteiros ansiosos por apreciar os diversos números do programa com que se inaugurou a reabertura da época termal.

Após o toque de alvorada, por uma banda local, começou a tradicional venda da flor. Depois, houve missa campal, e uma romagem ao monumento da Rainha D. Leonor, seguindo-se a abertura solene do Hospital Termal, com a assistência das autoridades civis, religiosas e militares, representantes da Imprensa e numerosos convidados, que percorreram as várias e bem apetrechadas dependências, demorando-se mais longamente no novo Gabinete de Reumatologia.

No final, o director do hospital mostrou a nova planta do Parque Rainha D. Leonor, que, levada a efeito, torná-lo-á ainda mais apreciável.

TERMAS DAS ÁGUAS SANTAS DO VIMEIRO

Estância de cura e repouso, na região de Torres Vedras — a 70 quilómetros de Lisboa — Magníficos resultados no tratamento das doenças da pele e do fígado, aparelho digestivo e dos rins e bexiga.

* * *

Balneário provido de cabines para banhos quentes e também à temperatura normal, com desinfecção a vapor.

Director clínico: *Dr. Manuel Rodrigues*

ABERTAS TODO O ANO

Águas em garrafas de 1/4 e garrafões. À venda em todo o país.

HOTEL DAS TERMAS

Óptimo para "fins" de semana. Clima muito salubre, fresco e de efeito tónico e sedativo. Praias do Porto Novo e Santa Rita, a dois quilómetros das Termas. Stand de tiro aos pratos de batida.

* * *

ESCRITORIO E DEPOSITO DA EMPRESA:

AVENIDA PRAIA DA VITÓRIA, 2 e 2-A · TELEF. 46758

LISBOA

SERRA DA ESTRELA

NÃO foi para todos que se levantou a Serra da Estrela. Atirado por ali acima, o Espinhaço-do--Cão parece oferecer — e oferece — o seu dorso, ao poeta de qualquer expressão que procure sempre o mais alto. Serra da Estrela, feitiço irresistível das almas!

Se não é para todos, importa àqueles para quem é, sem mesmo saberem que é para eles... Com o peito cheio de luz e do ar da'i, que difícil não ser poeta! Visinhos da estrada torcida, em brutalidade escura mas viva, levantam-se os Cântaros.

Pedregulhos de exagero, contrafortes do planalto, sustentáculos da Estrela. Volume das alturas, desejo de céu, na nossa terra de praias e ondas mansas. Planalto da Torre. Criador, indiferente e superior na brancura que guarda para si, oferecido só a quem lhe quiser muito.

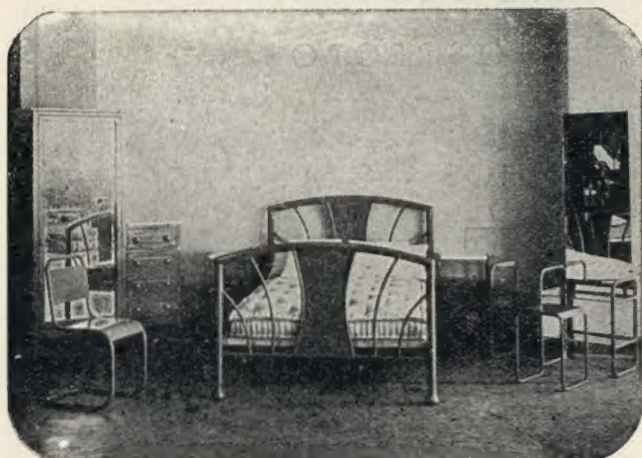
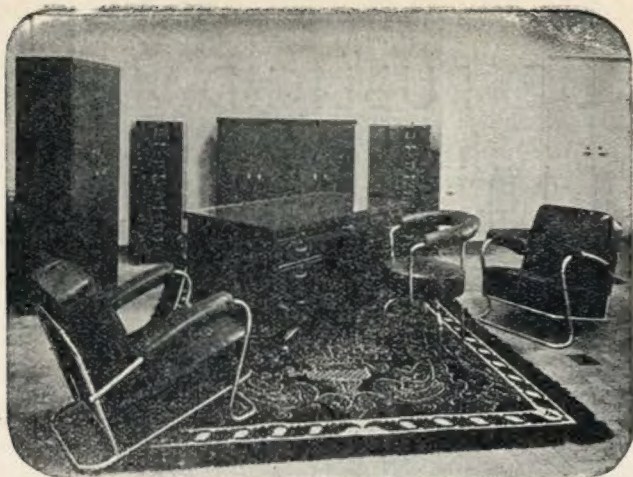
Orgulhoso, goza o êxito dos seus descendentes em volta. Fechado a todos, falou-me, porque me viu pequeno e a alma de poeta, que nunca pude evitar, e que é a dele.

E a Candieira traz-me o recado, suavemente. E mais suavemente ainda, docemente, a Nave de Santo António traduz-me o recado de cima! Os Cântaros, na certeza da sua imponente posição, falam-me do seu lugar: — Estamos aqui, mas estamos só para ti e para os nossos amigos. Existimos. Atreve-te! Para que serve viver, se não vieres, ao menos, olhar para nós, olhar para o nosso atrevimento?...

Oh, gente da Serra, visinhos da altura, que dificuldade não ser poeta! Como pode ser que alguém não veja a vossa Serra?! Como pode ser que, vendo-a, a não deseje?!

Branca na neve ou verde na floresta, é ela toda aberta e oferecida em beleza. Mundo novo, mundo branco. Altura que basta. Montanha que parou ali, porque não era preciso subir mais. Na paragem da sua grandeza sem limite, olha-nos e espera-nos. Não vás mais alto! Espera! Bastas para nos ajoelharmos. Não nos assusta a tua grandeza nem a tua beleza. Mas ajoelhamos.

E com os teus píncaros tão perto do céu, ajuda-nos a levar para o alto as nossas orações, traduzidas na linguagem da Eternidade, que nos ensinas; e nós, homens que te queremos, viveremos felizes à tua sombra ou na tua luz!

ANTÓNIO NUNES

FÁBRICA PORTUGAL

Móveis em tubo e chapa de aço, especiais para cada caso.

EQUIPAMENTOS COMPLETOS PARA:

HOTEIS
HOSPITAIS
ESCRITÓRIOS
REPARTIÇÕES
SERVIÇOS ESTATÍSTICOS
VESTIÁRIOS
QUARTOS DE DORMIR
CASAS DE BANHO
SALAS
BARS
CERVEJARIAS Etc., Etc.

ESCRITÓRIOS: Rua Febo Moniz, 2 a 20

SALÕES DE EXPOSIÇÃO E VENDA:

Rua Febo Moniz, 2-20 — Telefone 47.157
Praça dos Restauradores, 49-57 — Telefone 24.948
Avenida da República, 55-D. — Telefone 41.189
Rua da Graça, 82-84 — Telefone 49.109

LISBOA

I.P.C.
AS DELICIOSAS CONSERVAS DE PEIXE PORTUGUESAS, DESPERTAM O APETITE E ALIMENTAM